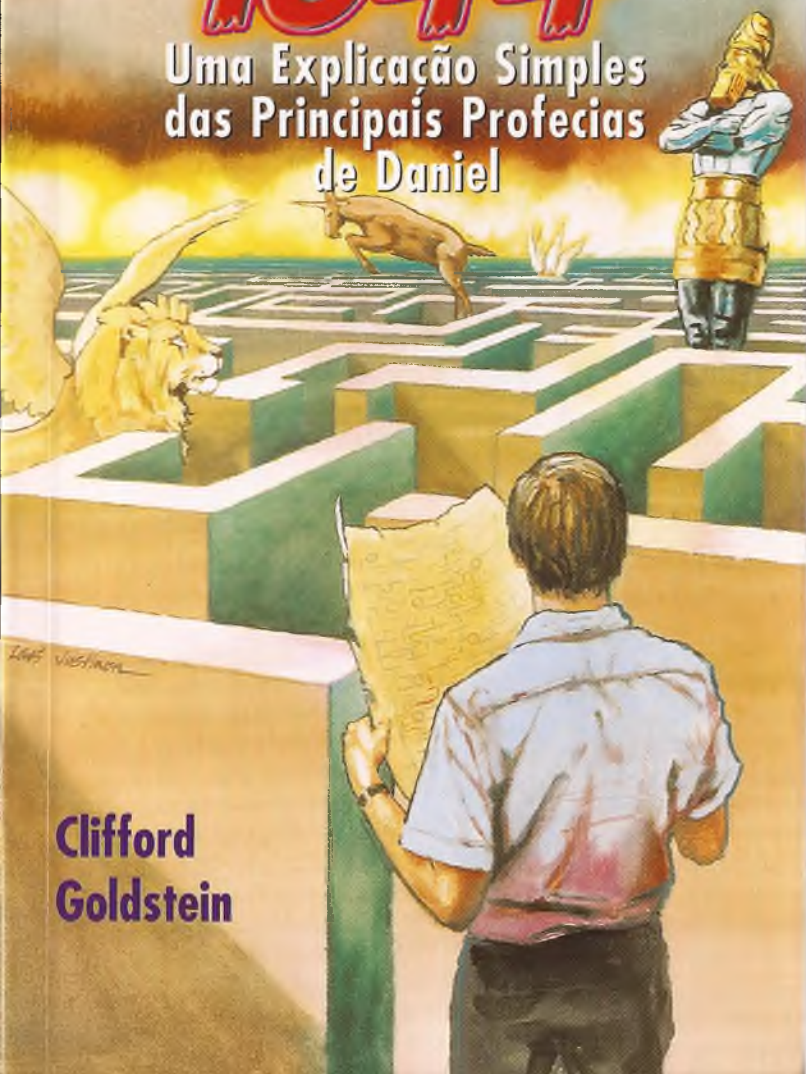


1844

Uma Explicação Simples
das Principais Profecias
de Daniel



**Clifford
Goldstein**



INDEX BOOKS GROUPS

Este manual foi disponibilizado em sua versão digital a fim de proporcionar acesso à pessoas com deficiência visual, possibilitando a leitura por meio de aplicativos TTS (Text to Speech), que convertem texto em voz humana. Para dispositivos móveis recomendamos Voxdox (www.voxdox.net).

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.(Legislação de Direitos Autorais)
Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I – a reprodução:

d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9610-19-fevereiro-1998-365399-norma-actualizada-pl.html>

1844

**Uma Explicação Simples das
Principais Profecias de Daniel**

Clifford Goldstein

Tradução de Regina Mota

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí – SP

Título do original em inglês:
1844 Made Simple

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

6ª edição

6ª impressão: 3 mil exemplares

Tiragem acumulada: 36 milheiros

2011

Editoração: Abigail R. Liedke e Neila D. Oliveira

Projeto Gráfico: Manoel A. Silva e Elen G. Rodrigues

Capa: Levi Gruber

Ilustração de Capa: Lars Justinen

IMPRESSO NO BRASIL/Printed in Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goldstein, Clifford

1844 : uma explicação simples das principais
profecias de Daniel / Clifford Goldstein ;
tradução de Regina Mota -- 6. ed. -- Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2005

Título original : 1844 made simple.

1. Adventistas do Sétimo Dia - Doutrinas
2. Bíblia. A.T. Daniel - Crítica e interpretação
3. Bíblia. A.T. Daniel - Profecias 4. Juízo
investigativo de 1844, A.D. (Adventistas do Sétimo
Dia) I. Título.

05-1395

CDD-286.732

Índice para catálogo sistemático:

1. Juízo investigativo de 1844, A.D. :
Profecias de Daniel : Explicações :
Adventistas do Sétimo Dia : Cristianismo
286.732



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização escrita dos autores e da Editora.

Tipologia: Century Old Style, 10,5/11,5 – 6392/25942 – ISBN 85-345-0562-4

Índice

Primeira Parte: Simplificando 1844

Capítulo 1	7
Capítulo 2	17
Capítulo 3	20
Capítulo 4	23
Capítulo 5	35
Capítulo 6	50

Segunda Parte: Respostas a Objeções

Capítulo 7	65
Capítulo 8	75
Capítulo 9	87

Terceira Parte: Investigando o Juízo

Capítulo 10	94
Capítulo 11.....	102

Primeira Parte: Simplificando 1844

Capítulo 1

Nunca esquecerei a alegria que senti ao sair da escuridão do agnosticismo, ceticismo, e até mesmo do espiritismo, para a luz da mensagem dos três anjos. O Senhor tirou-me do pecado, da morte e da alienação e vazio de uma vida afastada de Deus, e elevou-me não apenas a um conhecimento de Jesus, mas ao adventismo, à verdade presente, ao movimento mais importante desde a Reforma Protestante.

Entretanto, nem tudo estava bem em Sião. Juntei-me aos adventistas em meio ao ribombo de discussões acaloradas e rumores, embora, na inocência de meu novo nascimento não tenha notado praticamente nada. Desatento, eu era um bebê sorridente, alheio às amargas lições da vida.

Havia três meses que me tornara um adventista, quando um amigo me contou a respeito de um professor adventista, nos Estados Unidos, que negava o juízo investigativo de 1844.

– E daí? – respondi eu.

Eu havia estudado os gráficos, havia lido tudo sobre 1844, e acreditava nesta verdade, pois Ellen White também acreditava, e eu acreditava em tudo que ela acreditava. Mas, que importava isso? Afinal, durante meus primeiros seis meses de adventista eu só falava sobre a marca da besta. Contava a todos sobre a marca da besta. Até fiz pichações em paredes de banheiros, sobre a marca da besta. 1844? Parecia algo irrelevante.

8 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

No começo de 1981, cheguei ao local onde teria minha primeira experiência de viver numa comunidade adventista. Ali, os rumores sobre 1844 e a polêmica sobre a doutrina do santuário não provocaram apenas barulho, mas sim um grande estrondo! Era o tema das conversas no café da manhã, almoço, jantar, bem como entre as refeições. Embora eu não entendesse o porquê daquele alvoroço, tinha certeza de uma coisa: *nada me abalaria*.

As pessoas, porém, começaram a confrontar-me com perguntas: Como você encontra o juízo investigativo de 1844 em Daniel 8:14? Como você pode ter certeza de que o princípio dia-ano é válido? E, caso seja válido, por que aplicá-lo aos 2.300 dias? Como você concilia Daniel 8 e 9? Por que não há vínculo gramatical entre a palavra *purificado* (que é usada pela versão Almeida) em Daniel 8, e a palavra *purificado* usada em Levítico 17, que tem um radical hebraico diferente? Como você sabe que as 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8 não são 1.150 dias, em vez de 2.300 dias, como está traduzido em pelo menos uma versão da Bíblia? Você não vê que o livro de Hebreus coloca Cristo no segundo compartimento do templo muito antes de 1844? Não foi Antíoco Epifânio o pequeno chifre de Daniel 8? E, já que estamos falando sobre este assunto, você sabe quanto Ellen White realmente plagiou?

Eu não tinha respostas, e aqueles que eu esperava que as tivessem, não as tinham tampouco! Pessoas de todas as partes atacavam a doutrina, ou pelo menos expressavam ceticismo em relação à mesma. Eu me sentia como o médico do filme “Invasores de Corpos”, um filme que havia assistido na televisão quando era criança. No roteiro do filme, alienígenas chegavam a uma cidade e controlavam a mente das pessoas. Estas

mantinham a mesma aparência, falavam da mesma maneira como antes, mas haviam se tornado alienígenas. A família do médico, seus amigos, quase toda a cidade havia sido dominada. Para onde quer que o médico se virasse, uma pessoa após a outra, todas haviam sido “convertidas”. Ele não sabia em quem confiar, a quem recorrer. Era o único que havia escapado.

Mas eu não escapei! Tornei-me um deles. Não acreditava mais no juízo investigativo de 1844. Simplesmente não conseguia encontrar evidências bíblicas nesta doutrina, e as implicações desta conclusão me deixaram atordoado! Nunca havia percebido, até então, o quanto nossa mensagem está ligada ao que aconteceu em 1844. Instantaneamente, minha fé na mensagem adventista ruiu.

Em primeiro lugar, precisava resolver a questão de Ellen White. Se a doutrina de 1844 não era bíblica, Ellen White pertencia à mesma classe de Mary Baker Eddy e Joseph Smith.

Questionei a idéia do adventismo como a igreja remanescente. Se o juízo de 1844 não era bíblico, a igreja tampouco o era.

Comecei a questionar quão importante realmente era a lei, particularmente o sábado.

Questionei até mesmo a marca da besta!

Será que toda a minha experiência com Deus também havia sido apenas um acaso feliz?

Abri minha alma a Deus em oração, implorando a Ele que me mostrasse a verdade. Se esta mensagem não era verdadeira, não queria tomar parte nela. Era adventista havia pouco tempo, a igreja não significava muito para mim e, além disso, nunca gostei muito de ser vegetariano. Minha busca pela verdade levava-me ao adventismo, mas, se ao continuar buscando, Deus me mostrasse outra verdade, estaria pronto a seguir.

10 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Voltei ao ponto onde os problemas haviam começado: esse negócio de 1844. Se não pudesse encontrar na Bíblia a doutrina do santuário – sem consultar quaisquer escritos de Ellen White (àquela altura eu a considerava com tanta autoridade quanto os budistas consideram o *Tibetan Book of the Dead* [Livro Tibetano dos Mortos])* – eu faria as malas e voltaria a Israel, onde estava morando quando me tornara cristão. A lógica me dizia que se a data de 1844 não fosse bíblica, o adventismo não seria nada mais do que uma seita.

Sendo assim, orei, estudei, e pesquisei a Bíblia. Busquei uma compreensão da verdade, porque sabia que a direção de minha vida inteira, incluindo, talvez, minha vida eterna, estava em jogo. E não usei nenhum texto de Ellen White.

Terminei minha pesquisa algumas semanas mais tarde. Minha conclusão foi a seguinte: *Se alguém quisesse usar o Antigo Testamento – sem consultar o Novo – teria tanta evidência para o juízo investigativo em 1844 quanto teria para provar que Jesus de Nazaré é o Messias!*

Antes de fazer esse estudo, ao ler Daniel 8, não podia imaginar como alguém poderia enxergar o juízo ali; agora, depois de minhas pesquisas, quando olhava para Daniel 8 não podia imaginar como alguém poderia deixar de ver o juízo!

De repente havia nascido de novo; outra vez! A dúvida, a incerteza, o peso que eu carregava, desapareceram. Senti-me como se tivesse sido curado de uma doença. Estava mais convencido do adventismo do que quando entrei para a igreja adventista, e só agora percebia como haviam sido fracos os alicerces da minha fé.

Imediatamente, todas as dúvidas a respeito de Ellen White desapareceram. Pensei: “Aquela senhora idosa sabia exatamente do que estava falando!” Des-

* N. do Tradutor: Escritura budista centenária sobre o estado dos mortos.

de então, nunca mais questioneei Ellen White como profetisa; em vez disso, minha confiança na verdade de 1844 permitiu-me vê-la como um dos maiores profetas que já existiram!

Minha compreensão da verdade a respeito de 1844 deu-me uma nova experiência com Jesus, com os adventistas e com o Espírito de Profecia. Uma vez que entendi quão bíblico era o juízo de 1844, sabia que esta igreja era tudo que dizia ser, e todas as dúvidas sobre a lei, o sábado, enfim, todas as minhas indagações foram respondidas.

A despeito da apostasia, de nossa condição laodiceana, dos escândalos, de qualquer coisa, enfim, que aconteça dentro da própria igreja, os ensinamentos sobre 1844 provam, além de qualquer dúvida, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente da profecia bíblica, e que nossa mensagem é a verdade presente. O juízo investigativo de 1844 – mais que o estado dos mortos, o sábado e a segunda vinda – estabelece a validade do adventismo. Todas estas outras doutrinas são aceitas por uma ou outra denominação, mas os adventistas são os únicos que têm a verdade do juízo investigativo. Enquanto não entendermos a verdade de 1844, percebendo que os adventistas são os únicos que a ensinam, não compreenderemos nosso verdadeiro chamado, nosso propósito ou missão.

Fui obrigado a compreender essa mensagem; ou abandoná-la. Para mim, não havia meio-termo. Quão grato sou porque o mesmo Deus que me levou do agnosticismo à confiança em Deus, é o mesmo Deus que me levou do meio de todas as religiões do mundo para o cristianismo, e dentre todas as denominações cristãs me levou ao adventismo – quão grato sou porque esse Deus me salvou daquela apostasia.

Contudo, logo percebi que entre todos os adventis-

12 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

tas que conhecia – jovens ou idosos, convertidos ou não, homens ou mulheres, brancos ou negros, no Oriente ou Ocidente, liberais ou conservadores – quase nenhum era capaz de encontrar na Bíblia a verdade sobre 1844. Além disso, a maioria nem se importava! Não achavam que isso era importante.

Já estive muitas vezes diante de igrejas em que havia mais de 300 pessoas presentes, e dirigi-lhes a pergunta: “Quantos de vocês poderiam dar um estudo bíblico sobre 1844 e o juízo investigativo sem usar os escritos de Ellen White?”

Veza após veza, não mais que duas ou três mãos se levantaram. A grande maioria dos adventistas norte-americanos não seria capaz de dar um estudo inteligente sobre aquela doutrina, mesmo que seu destino eterno dependesse disso. Provavelmente, você que está lendo, não seria capaz de dar um estudo bíblico sobre os eventos ligados a 1844, e tampouco responder aos argumentos que são feitos contra esse ensino. Você provavelmente nunca ouviu um sermão sobre isso, nem leu nada sobre o assunto ultimamente.

Você pode ser um cristão convertido. Pode ser um dizimista leal, um adventista vegetariano. Pode dar estudos bíblicos, ganhar almas, ser gentil e amoroso. Mas se não tiver profundo conhecimento a respeito dessa data, se não tiver pelo menos uma compreensão rudimentar desse ensinamento, então está mal preparado para a sacudidura e o tempo de angústia. Se eu tivesse enfrentado o tempo de angústia com meu conhecimento superficial acerca da data de 1844, teria sido levado como uma folha num furacão.

Não estou falando em salvação pela teologia. A data de 1844, ou uma compreensão sobre a mesma, não nos salva. Mas, se 1844 não for uma data bíblica, nossa mensagem é falsa: somos uma igreja falsa ensinan-

do uma falsa mensagem, e levando as pessoas por um caminho enganoso. Ou a data de 1844 é verdadeira e temos a verdade, ou é falsa e nós herdamos uma mentira e a temos propagado.

Talvez você nunca tenha sido confrontado com esta questão ou nunca tenha pensado muito sobre isso. Você o fará algum dia. Fomos alertados de que *tudo que puder ser sacudido será sacudido*, e, como povo, não podemos nem começar a compreender o que esta sacudidura acarretará. Mais cedo ou mais tarde nossa fé será testada até o limite de nossas forças. Tudo em que cremos será submetido a escrutínio. Precisamos ser capazes de defender a esperança que está dentro de nós, ou não teremos nenhuma esperança sobre a qual responder.

O diabo virá sobre nós de todas as direções, procurando uma brecha, atacando qualquer debilidade; tudo num esforço de nos afastar desta verdade. E você pode ter certeza de que a questão de 1844 será um alvo fundamental. Acreditando na mensagem já será difícil permanecer fiel quando perder seu emprego, sua casa ou quando não puder comprar comida. Porém, imagine essa pressão externa, incluindo ameaças contra a sua vida, acontecendo enquanto você tem sérias dúvidas sobre a verdade do adventismo! Se alguém for capaz de abalar sua fé no juízo investigativo de 1844, você acabará duvidando de toda a mensagem; e se duvidar da mensagem, como poderá permanecer firme?

Quem morreria, ou sequer padeceria sofrimentos, por uma mensagem sobre a qual tem dúvidas? Quem permitiria que seus filhos passassem fome ou fossem levados, por uma crença cujos fundamentos básicos eles seriamente questionam ou são incapazes de provar na Bíblia? Não é preciso ser um teólogo, mas

14 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

o mundo perece por falta de conhecimento, e com toda essa verdade ao nosso alcance, não temos desculpas para não entendê-la.

O juízo investigativo de 1844, o pilar teológico de nosso movimento, está como uma relíquia empoeirada dentro do armário da família adventista. Sabemos que está lá, todos nós sabemos do que se trata, mas ninguém se importa com ele. Não temos certeza de como agir em relação à data de 1844. Não temos certeza do que significa, ou se realmente a queremos. Nem temos certeza de que seja tão importante assim (como parece sinalizar a escassez de sermões, artigos e livros sobre o assunto). No entanto, uma vez que ela desapareça, imediatamente desaparece o adventismo. Quão inteligente da parte do diabo ter-nos feito colocar de lado nossa doutrina mais básica. Ele sabe que uma vez que a retirar de sob os nossos pés, nossa crença desmoronará e se desintegrará. Está apenas esperando pelo momento certo de levar à perdição o máximo de adventistas possível.

Não estou falando de alguma teoria ou especulação, mas baseado em minha própria experiência. Sei o que acontecerá com aqueles que não tiverem um conhecimento profundo desta mensagem, porque isto aconteceu comigo – em circunstâncias absurdamente fáceis de suportar, se comparadas com o que a igreja enfrentará em breve. Ninguém me ameaçou de morte, nem houve qualquer anúncio de boicotes econômicos ou cadeia por causa de minhas crenças, entretanto, eu quase as abandonei mesmo assim.

Mas agora vejo quanta confiança, força e certeza uma compreensão desta verdade me deu. Os ensinamentos a respeito de 1844 trazem consigo a certeza irrefutável de que o adventismo é a verdade

para o tempo presente, razão pela qual o inimigo tem se esforçado tanto para minimizá-la – e o motivo pelo qual sinto-me aterrorizado quando vejo seu ruidoso sucesso.

Em 1986, gravei uma série de fitas com o título: “Simplificando 1844.” Pesquisei os trabalhos dos melhores teólogos do adventismo – homens que esmiuçaram a maioria, senão todos, os argumentos contra a data de 1844. Não obstante, a maioria dos adventistas nunca ouviu falar de seus trabalhos ou livros, muito menos os leram. Além disso, o material é profundo e teológico, e muitos preferem sentar-se em frente à televisão a estudar nossa mensagem. Estudei esse material e o simplifiquei, e tenho feito seminários em igrejas e campais.

Este livro baseia-se nessas fitas. Foi escrito para apresentar a doutrina do juízo investigativo de 1844 da maneira mais simples e clara possível, pois acredito que uma compreensão desta doutrina seja crucial não apenas para o entendimento do adventismo, mas fundamental para nosso povo estar preparado para enfrentar a crise que se aproxima.

O livro está dividido em três partes. A primeira é um estudo de como encontrar essa data profética na própria Bíblia; a segunda responde a muitos dos argumentos usados contra o juízo investigativo; a terceira parte responde à pergunta: o que o juízo investigativo realmente significa?

Uma observação final. Não usei nenhum dos escritos de Ellen White. Alguns dizem que Ellen White não era teóloga, e portanto, não serve para a teologia. Suponho que no sentido clássico da palavra, ela não tenha sido uma teóloga – *ela era uma profetisa!* e eu usaria muito mais a palavra de um profeta do que a palavra de qualquer teólogo. No entanto,

16 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

não devemos basear nossa compreensão de 1844 no que ela escreveu. Não use os escritos de Ellen White para solidificar seus conhecimentos bíblicos. Solidifique seus conhecimentos bíblicos e você terá absoluta confiança nela. Baseie seu conhecimento sobre os eventos de 1844 na Bíblia, e você terá uma confiança inabalável em Ellen White. Se usar seus escritos como base para a data de 1844, sua crença em ambos desmoronará.

Sei do que estou falando.

Capítulo 2

O juízo investigativo ocorreu no ano 31 d.C., ou depois? A resposta pode fortalecer o fundamento do adventismo, ou esfacelá-lo. Se, como alguns dentro de nossas fileiras dizem, o juízo ocorreu em 31 d.C. – com a ascensão de Jesus ao Céu, à “mão direita de Deus” – então a doutrina do juízo investigativo de 1844 é aquilo que nossos oponentes têm dito durante mais de um século: nada além de um truque de *marketing* tramado por mileritas envergonhados, que precisavam livrar-se da humilhação do grande desapontamento.

Afinal, o juízo ocorreu em 31 d.C.? Leia os textos a seguir:

“Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um Varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos.” Atos 17:31.

“Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro.” Atos 24:25.

“No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.” Romanos 2:16.

“Tu, porém, por que julgas a teu irmão? e tu, por que desprezas o teu? pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por Minha vida, diz o Senhor, diante de Mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.” Romanos 14:10-12.

18 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

“O Senhor julgará o Seu povo.” Hebreus 10:30.

Estes poucos textos têm várias coisas em comum. A primeira, e mais óbvia delas, é que todos são tirados do Novo Testamento: Hebreus, Atos, Romanos.

Outra semelhança: estão falando do juízo.

Mas onde eles situam esse juízo? No passado ou no futuro? “O Senhor *judgará* o Seu povo.” “Todos *comparceremos* perante o tribunal de Deus.” Parece claro que estes textos estão se referindo a algum tipo de juízo que acontecerá no futuro, e alguns deles tratam diretamente do juízo do povo de Deus.

Mas que temos aqui? Textos do Novo Testamento, alguns dos quais se referem ao julgamento *futuro* dos *cristãos*. Como os livros do Novo Testamento foram escritos dez, vinte, trinta anos depois da cruz, e como estes textos apontam para um juízo que ocorrerá depois que foram escritos, então, obviamente, esse juízo deve ocorrer em algum momento depois de 31 d.C.

Esse detalhe, embora simples, é crucial – pois o ponto crítico da heresia que tem solapado o adventismo está em declarar que o juízo ocorreu na cruz. Estes textos, entretanto, mostram a falácia de colocar o juízo dos crentes em 31 d.C. Embora não apontem uma data, os textos demonstram que a data correta certamente não é 31 d.C.

E o que dizer do texto: “Chegou o momento de ser julgado este mundo” (João 12:31), que Jesus pronunciou em referência à Sua morte iminente? Estas palavras não indicam que o juízo ocorreu na cruz?

Até certo ponto, o juízo realmente ocorreu com a morte de Jesus na cruz. Ali o imaculado Filho de Deus, que veio à Terra em forma humana, derramou todo o amor dos Céus sobre a humanidade, apenas para ser rejeitado e desprezado pelos homens. O mundo todo deve ser condenado pela morte de Jesus.

Nesse sentido, ocorreu um julgamento na cruz, mas não o juízo *investigativo*.

A Bíblia fala de vários tipos de julgamentos. A Terra esteve sob julgamento depois do pecado de Adão. O dilúvio foi um juízo contra a raça humana. O Israel antigo enfrentou muitos juízos. Os homens enfrentarão um julgamento quando Jesus voltar à Terra. Sere-mos envolvidos num julgamento durante o milênio, quando “julgaremos os anjos”. I Coríntios 6:3. Haverá um juízo executivo, quando os ímpios serão consumidos para sempre: “E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.” Apocalipse 20:15.

Mas a que tipo de julgamento se referiam alguns dos textos citados acima? Paulo disse que “todos compareceremos perante o tribunal de Deus”. Paulo incluiu a si mesmo nesse julgamento. Ele era um crente. A quem estava escrevendo? A outros crentes. Todos eles, inclusive Paulo, seriam julgados por Deus. Verdadeiramente, “o Senhor julgará o Seu povo”.

Quando, então, são os crentes julgados? De acordo com os textos que acabamos de ler, os crentes devem enfrentar algum tipo de julgamento, e o mesmo deve ocorrer em alguma data após 31 d.C. Esse é o julgamento que os adventistas chamam de juízo *investigativo*.

Capítulo 3

Embara tenha ficado claro que o julgamento do povo de Deus ocorre depois de 31 d.C., ainda estamos longe de chegar à data de 1844. Para fazê-lo, precisamos ir ao livro de Daniel, começando pelo capítulo 2.

A maioria dos adventistas conhece Daniel 2. O rei de Babilônia, Nabucodonosor, teve um sonho, mas não podia lembrar-se dele (muito menos interpretá-lo). Os mágicos, astrólogos, magos e caldeus de Babilônia ofereceram-se para interpretá-lo, se o rei tão-somente lhes contasse o sonho. O rei, no entanto, não queria apenas que interpretassem o sonho, mas que lhe contassem com que sonhara. “Não há mortal sobre a Terra”, exclamaram os caldeus, “que possa revelar o que o rei exige; pois jamais houve rei, por grande e poderoso que tivesse sido, que exigisse semelhante coisa de algum mago, encantador ou caldeu.” Verso 10.

Irado, o rei planejava matar todos eles, incluindo Daniel. Não demorou muito, entretanto, para que a resposta que o monarca procurava fosse dada a Daniel numa “visão noturna”, e ele a contou ao rei.

O sonho, é claro, era o da “grande estátua”. A cabeça era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro, e os pés parcialmente de ferro, parcialmente de barro. Em certo momento, uma grande pedra “foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de

barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha que encheu toda a Terra". Versos 34 e 35.

Em seguida, Daniel interpretou o sonho. Disse ao rei que seu reino, Babilônia, era a cabeça de ouro. Depois, outro reino se levantaria (prata), e depois outro (bronze), e mais outro (ferro). O reino de ferro se dividiria (ferro e barro) em pequenos poderes que "não se [ligariam] um ao outro". Verso 43. A pedra cortada sem auxílio de mãos é o reino que Deus estabelecerá, e este durará para sempre.

Sabemos que o primeiro reino foi Babilônia. Daniel o menciona como sendo a cabeça de ouro. A História revela que o reino seguinte foi a Média-Pérsia, o terceiro a Grécia, e o ferro foi Roma. O ferro misturado com barro representa a queda do Império Romano, dividindo-se nos países que formam a Europa (alguns chegaram a interpretar que o ferro e o barro seriam a Igreja e o Estado tentando unir-se, o que certamente aconteceu durante a maior parte da História européia). Esses reinos chegaram ao poder exatamente nesta ordem – embora Daniel tenha profetizado centenas de anos antes que esses acontecimentos se cumprissem. O reino que Deus estabelecerá virá depois da segunda vinda de Jesus.

Portanto, Daniel 2 apresenta o seguinte:

Ouro	Babilônia
Prata	Média-Pérsia
Bronze	Grécia
Ferro	Roma Pagã
Ferro/Barro	Europa
Pedra	Segunda vinda de Jesus

Dois detalhes importantes devem ser notados. Primei-

22 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

ro, Daniel 2 traça um perfil básico para o restante das profecias apocalípticas (fim do mundo) que estudaremos em Daniel. Em outras palavras, o restante das profecias apocalípticas desenvolvem-se sobre o fundamento encontrado em Daniel 2. Daniel 2 é a base; os outros capítulos proféticos, que adicionam mais detalhes, encaixam-se na estrutura básica de Daniel 2, que começa em Babilônia e termina com a segunda vinda de Jesus. As nações descritas nos capítulos seguintes são, como veremos, basicamente as mesmas descritas em Daniel 2.

O outro detalhe importante tem a ver com os vários metais do sonho. Babilônia foi o ouro, a Média-Pérsia foi a prata, Grécia foi o bronze e Roma o ferro. Cada império foi comparado a um metal diferente. No entanto, Roma, simbolizada pelo ferro, continua até o fim dos tempos. O ferro de Roma vem imediatamente após a Grécia, continua descendo até encontrar-se com o barro, no entanto continua sendo ferro, apenas num formato diferente. “As pernas de ferro, os pés em parte de ferro, em parte de barro.” Verso 33. O ponto principal é que o ferro, que simboliza Roma, estende-se desde a queda da Grécia até que a pedra destrua tudo no momento da segunda vinda de Cristo. No início, o ferro estava puro, depois misturou-se com o barro. No entanto, ainda é ferro. O significado desse pormenor será analisado mais tarde.

Façamos uma recapitulação:

Estudamos que o julgamento do povo de Deus ocorre em algum momento *depois* de 31 d.C.

Daniel 2, com sua sucessão de reinos – Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma (as duas fases) – antecede a segunda vinda de Jesus e forma a estrutura profética básica para o restante das profecias apocalípticas de Daniel.

Finalmente, vimos que Roma (ferro), que veio depois da Grécia, estende-se até o fim dos tempos, embora, a certa altura, mude de forma.

Capítulo 4

Que capítulo de Daniel nos dá maiores informações a respeito do juízo investigativo?

A maioria das pessoas responderia: Daniel 8. Temos aqui um texto crucial: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Daniel 8:14.

No entanto, a resposta está errada. Embora Daniel 8 contenha informação importante, é crucial apenas porque é necessário para estabelecer a data do juízo. Na verdade, a maior parte da informação existente em Daniel sobre o juízo investigativo, encontra-se em Daniel 7. Se tivéssemos apenas esse capítulo, já seríamos capazes de provar que haverá um julgamento de crentes antes do segundo advento de Cristo, bem como estabelecer uma data aproximada para o mesmo.

Daniel 7 repete Daniel 2, com a diferença de que há mais detalhes. Nesse capítulo o próprio Daniel sonha com quatro grandes animais saindo do mar. O primeiro parecia-se com um leão, o segundo com um urso, o terceiro com um leopardo que tinha quatro asas e quatro cabeças; o quarto era um animal “terrível e espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres”. Versos 4-7.

Quem são estes animais? Na explicação da visão, foi dito a Daniel que os mesmos representavam qua-

24 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

tro reis, ou reinos, que surgiriam, e que o quarto animal seria “um quarto reino na Terra”. Verso 23. O primeiro animal – o leão – sabemos que se trata de Babilônia. O segundo – o urso – simboliza a Média-Pérsia. Seu desequilíbrio (“levantou-se sobre um dos seus lados”) demonstra a desigualdade existente entre os poderes das duas nações que formaram esse império. As três costelas que trazia “na boca, entre os dentes” (verso 5), são vistas como Lídia, Babilônia e Egito – três nações que foram destruídas pelo poder medo-persa. O leopardo representava o império mundial que se seguiu, ou seja, os gregos, sob a liderança de Alexandre, o Grande. O quarto animal, logicamente, foi o último grande império: o romano.

Durante séculos, inúmeros estudiosos da Bíblia, tanto judeus como cristãos, têm concordado a respeito da seqüência exata das nações que foram simbolizadas por estes animais. Esta interpretação *não* é exclusivamente adventista.

Note, também, que a profecia de Daniel 7 é semelhante à de Daniel 2. Daniel 7 tem mais detalhes que Daniel 2, que é o fundamento das outras profecias que estudaremos.

Tanto em Daniel 2 como 7, é dada ênfase ao quarto reino. Em ambos os capítulos, o quarto reino, embora representado por símbolos diferentes, apresenta várias semelhanças. A primeira, naturalmente, é que aparecem como o quarto poder na sucessão em cada visão. Ambos vêm depois da Grécia. Ambos são descritos como “fortes”. Daniel 2:40; 7:7. Em ambas as descrições aparece a palavra *ferro*. Verifique Daniel 2:40; 7:7 e 19. De ambos foi dito que fariam outros reinos em pedaços. Leia Daniel 2:40; 7:19 e 23. Ambos os poderes foram divididos em “reis” ou reinos. Daniel 2:41 e 44; 7:24. Claramente os dois capítulos descrevem o mesmo poder.

No entanto, em Daniel 7 aparece um outro poder. Este poder não é separado do quarto animal, Roma pagã; em vez disso, ele sai diretamente dos dez chifres que fazem parte do quarto animal. Este poder é o chifre pequeno. “Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência.” Verso 8.

Mais à frente, o poder do chifre pequeno é mencionado novamente, como tendo saído do quarto animal. “E também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros. Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles.” Versos 20 e 21.

Alguns versos adiante, é dada a interpretação do quarto animal e do chifre pequeno. “Então ele disse: O quarto animal será um quarto reino na Terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a Terra e a pisará aos pés, e a fará em pedaços. Os dez chifres correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino; e, depois deles, se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade dum tempo.” Versos 23-25.

Daniel 2 mostra que o ferro era o poder que viria depois da Grécia, e permaneceria sendo ferro até o fim dos tempos, embora em formato diferente. Ainda era o mesmo poder. Em Daniel 7 havia um ani-

26 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

mal para representar Babilônia, outro para a Média-Pérsia, outro para a Grécia, e outro ainda para Roma. O chifre pequeno fazia *parte* do quarto animal, que veio após a Grécia e permaneceu até o fim dos tempos, embora de forma diferente. A importância desse detalhe será estudada posteriormente em outro capítulo.

Vemos que o quarto animal e o chifre que saiu dele ocupam um espaço importante em Daniel 7. Mais tempo é gasto em sua descrição do que na de todos os outros animais juntos, e mais detalhes são revelados sobre o chifre pequeno em si, do que sobre qualquer outro animal, inclusive o quarto. Obviamente, é crucial que o chifre pequeno seja identificado.

Durante séculos, estudiosos da Bíblia têm provado, acima de qualquer dúvida, que o chifre pequeno representa o poder papal. Isto por uma razão muito simples: ele se encaixa perfeitamente na descrição.

A maioria dos adventistas conhece esta identificação. Sem entrar em muitos detalhes vamos recapitular:

- Primeiro, o poder do chifre pequeno saiu de Roma pagã. O papado, obviamente, saiu de Roma pagã.

- O chifre pequeno saiu dentre as dez tribos bárbaras que surgiram após a queda do Império Romano. O papado surgiu na Europa, eliminando três destes povos, exatamente como predisse o verso 24 (“e abaterá a três reis”).

- O poder do chifre pequeno foi descrito como “diferente” dos outros chifres, e sem sombra de dúvida, o papado, um poder singular, diferia de todas aquelas tribos bárbaras.

- O chifre pequeno seria “mais robusto” que os outros chifres, e certamente o papado era mais poderoso que as tribos bárbaras; se não fosse assim, não teria sido capaz de eliminar três delas.

■ O poder do chifre pequeno “proferirá palavras contra o Altíssimo”. As alegações papais com respeito ao papel e poder do Papa são “palavras contra” Deus.

■ O chifre pequeno “fazia guerra contra os santos”, e a História revela quão grave foi a guerra que o papado empreendeu contra o povo de Deus.

■ O chifre pequeno “cuidará em mudar os tempos e a lei”. Quando estudei esta profecia pela primeira vez, fui até uma escola católica, pedi um catecismo e abri os Dez Mandamentos. Exatamente como me fora ensinado, percebi que o mandamento que proíbe a adoração de imagens havia sido retirado. Que prova contundente de que este poder mudaria a lei! Além disso, os adventistas estão bem familiarizados com as inúmeras reivindicações papais sobre seu poder de mudar o sábado para o domingo. Por exemplo: “A Igreja Católica, que surgiu mais de mil anos antes da existência de um protestante, em virtude de sua divina missão, mudou o sábado para o domingo.” – *The Catholic Mirror*, 23 de setembro, 1893.

A identificação final, talvez a mais importante, é que há uma profecia de tempo relacionada à atividade papal. Os santos “lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo”. Verso 25. Na descrição do chifre pequeno, temos a *primeira profecia apocalíptica* encontrada no livro de Daniel.

“Um tempo, dois tempos e metade de um tempo” é universalmente reconhecido por estudiosos judeus e gentios como significando três anos e meio. Um tempo é igual a um ano, dois tempos é igual a dois anos, e metade de um tempo é igual a meio ano. Em Apocalipse 12 esse mesmo período de tempo aparece relacionado ao mesmo poder, e é equi-

28 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

parado a “mil duzentos e sessenta dias” (versos 6 e 14). No cálculo profético, três anos e meio equivalem a 1.260 dias.

Portanto, Daniel 7 demarca um período de três anos e meio, ou 1.260 dias, para este chifre pequeno. Durante anos, adventistas e outras denominações têm aplicado o princípio do dia profético a esta profecia. Não quero entrar nesta questão agora. Na segunda parte deste livro demonstrarei não apenas a validade da doutrina do dia profético, mas também como esse princípio deve ser aplicado para que as profecias de Daniel 7, 8 e 9 façam sentido.

Seja como for, se aplicarmos o princípio do dia profético aos 1.260 dias, teremos 1.260 anos. Isto se encaixa, ou não, num período de tempo relacionado ao papado?

Em 1698, Drue Cressner, um teólogo britânico, ao estudar as profecias de Daniel 7 e Apocalipse, chegou às seguintes conclusões: o chifre pequeno, do livro de Daniel, referia-se ao papado; o dia profético deveria ser aplicado a essas profecias; e, finalmente, algo drástico aconteceria ao papado por volta do ano 1800. Ou, para usar suas próprias palavras: “O tempo da besta termina por volta do ano 1800.” – Citado em: LeRoy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 2, pág. 595.

Sabemos que em 538 d.C., o último poder ariano (um dos três chifres eliminados) foi expulso de Roma, dando ao papado completo domínio sobre a cidade. Exatamente 1.260 anos mais tarde, em 1798, o general francês Berthier levou o papa cativo. É possível ler sobre esse evento na literatura católica, onde se descreve o cativeiro do papa, que morreu no exílio pelas mãos dos franceses. (Sabemos que embora o papado tenha recebido uma ferida mortal, a mesma foi

CAPÍTULO QUATRO 29

curada mais tarde. Daniel 7, que fala sobre milhares de anos em poucos versos, não tem tempo para detalhes. Mais tarde, em Apocalipse, especialmente no capítulo 13, é-nos dada uma visão mais detalhada sobre o que aconteceria no fim do período dos 1.260 anos, e como seria o renascimento do papado.)

Aplicando as profecias ao papado, Drue Cressner predisse que algo lhe sucederia “por volta do ano 1800”! *Seu prognóstico era comparável a alguém dizer em 1888 quem seria o presidente dos Estados Unidos em 1988!*

A razão de sua previsão ser tão exata é, obviamente, o fato de que o papado se encaixa perfeitamente nesta profecia. Durante séculos os protestantes aplicaram unanimemente esta profecia ao papado. Lutero, Zuínglio, Calvino, Melâncton, e todos os reformadores que os seguiram nos três séculos seguintes aplicaram o chifre pequeno de Daniel 7 ao papado. Mesmo antes da Reforma, um teólogo chamado Isaac Abravanel, após estudar Daniel 7, escreveu: “Cheguei à conclusão de que o chifre pequeno se refere ao domínio do papa.” – Citado em: LeRoy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 2, pág. 228.

Até aqui vimos Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma pagã e Roma papal em ordem cronológica. Esta é a sequência exata de Daniel 7:

Babilônia

Média-Pérsia

Grécia

Roma pagã

Roma papal

Mas, o que vem após Roma papal na profecia?

“Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros

30 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência. *Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o Seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares O serviam, e miríade de miríade estavam diante dEle; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. ... Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído.* Versos 8-14

O verso 8 descreve o poder do chifre pequeno. O que acontece imediatamente depois, nos versos 9 e 10? Vemos que foram “postos uns tronos”. Vemos o “Ancião de dias” que é reconhecido como Deus. Vemos “rios de fogo”; vemos “miríade de miríade” de seres diante dEle, e, finalmente, “assentou-se o tribunal, e se abriram os livros”. Esta cena realmente descreve um julgamento no Céu!

Leia os versos 8 a 10 outra vez! Fica claro que estamos olhando para uma cena de julgamento divino, e obviamente, considerando a descrição do que está acontecendo, esse julgamento ocorre no Céu.

O que se segue a esta cena de julgamento celestial? Deus estabelece Seu reino, um reino que “não passará”. Verso 14. Quando Deus finalmente estabelecerá esse reino? Na segunda vinda de Jesus.

Analise a *ordem* dos eventos nestes versos. Isto é crucial. Temos o poder do chifre pequeno (que nas três descrições sai do quarto animal), e depois disso uma cena de julgamento no Céu, e Deus finalmente estabelece Seu reino.

Chifre pequeno. Julgamento no Céu. Deus estabelece Seu reino. Leia estes versos várias vezes até que consiga ver esta seqüência. É preciso que ela seja compreendida.

Esta seqüência é tão importante que é repetida vez após vez no mesmo capítulo. “Eu olhava e eis que este chifre [papado] fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de dias e fez justiça aos santos do Altíssimo [juízo]; **e veio o tempo em que os santos possuíram o reino [reino de Deus].**” Versos 21 e 22.

Novamente a mesma ordem cronológica exata: chifre pequeno (papado), o juízo e o reino de Deus.

Esta seqüência é tão importante que nos é apresentada uma terceira vez no mesmo capítulo. “Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade dum tempo. Mas, depois, se assentará o tribunal **para lhe tirar o domínio, para o destruir e o consumir até o fim. O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão.**” Versos 25-27.

Aqui está uma descrição do poder do chifre pequeno, terminando com a primeira data profética em Daniel, a qual delineia a fase de poder deste chifre pequeno. Depois do chifre pequeno, temos o juízo. E, finalmente, Deus estabelece Seu reino.

A seqüência, encontrada três vezes em Daniel 7, é a seguinte:

1. Roma papal (chifre pequeno),
2. Julgamento no Céu,

32 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

3. Estabelecimento do reino de Deus.

Analisemos a seqüência encontrada no capítulo 7, comparando-a com o capítulo 2.

Daniel 2	Daniel 7
Babilônia	Babilônia
Média-Pérsia	Média-Pérsia
Grécia	Grécia
Roma (pagã)	Roma (pagã)
Roma (Europa/papal)	Roma (papal)
	Juízo no Céu
Reino de Deus	Reino de Deus

Percebemos, a partir do quadro acima, que todos os acontecimentos de Daniel 2 e Daniel 7 são cronológicos. Os eventos sucedem-se num movimento linear, dirigindo-se do passado para o futuro. Onde esta ordem encaixa o juízo no Céu?

Primeiro veio Babilônia. Depois de Babilônia, a Média-Pérsia. Depois da Média-Pérsia, a Grécia. Depois da Grécia, Roma – pagã e papal. *Depois da Roma pagã e papal vem o julgamento no Céu.* Finalmente, Deus estabelece Seu reino.

Fica claro que o juízo ocorre depois desta fase final do chifre pequeno descrito na profecia de Daniel 7 como “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” – a primeira data apocalíptico-profética do livro. Quando terminou essa fase do chifre pequeno?

Babilônia terminou no ano 539 a.C.; *depois* de Babilônia, ou seja, *após* o ano 539 a.C., veio a Média-Pérsia. O império medo-persa terminou em 331 a.C., e *após* esse ano veio a Grécia. O domínio grego terminou em 168 a.C., e *após* essa data veio Roma, em suas fases pagã e papal. O término da segunda fase de Roma deu-se em 1798 d.C. *Depois* de Roma, *após* 1798, *chega o momento do juízo no Céu!*

Você percebe a pertinência desta sucessão de reinos? Depois de Babilônia (539 a.C.) veio a Média-Pérsia. Depois da Média-Pérsia (331 a.C.) veio a Grécia. Depois da Grécia (168 a.C.) veio Roma. Depois de Roma (1798 d.C.) veio o juízo no Céu. Depois desse julgamento celeste, Deus estabelecerá Seu reino!

Babilônia (539 a.C.)

Média-Pérsia (331 a.C.)

Grécia (168 a.C.)

Roma pagã/papal (1798 d.C.)

Juízo celeste

Reino de Deus

Estou repetindo para enfatizar: depois da profecia de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo”, que terminou em 1798, chegamos ao juízo no Céu. O juízo, portanto, deve ocorrer, necessariamente, *depois* de 1798!

Estudando apenas Daniel 7, podemos chegar à conclusão de que o juízo celestial ocorre depois de 1798, no entanto, *antes* da segunda vinda de Jesus. Esse critério se encaixa em nossa compreensão do juízo investigativo de 1844, ou o juízo pré-advento, como é chamado algumas vezes.

Quem está envolvido neste julgamento? O verso 22 diz que o Ancião “fez justiça aos santos do Altíssimo”. Outras versões dizem que foi feito “julgamento em favor dos santos do Altíssimo” (Bíblia de Jerusalém). Obviamente, este juízo envolve os santos; do contrário, como poderia ser um juízo em seu favor? Os santos estão envolvidos neste juízo. De que forma? Não podem estar julgando, pois ainda não estão no Céu (Cristo não voltou ainda). No primeiro capítulo deste livro estudamos que o povo de Deus será julgado em algum momento após o ano 31 d.C. (o juízo de Daniel 7 encaixa-se neste padrão). Já verificamos que

34 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

o julgamento é feito em favor deles, e como resultado deste juízo eles herdam o reino. Aparentemente, os próprios santos estão sendo julgados perante o Universo inteiro. E este juízo tem um resultado que lhes é favorável.

Você já ouviu algo parecido? Um juízo de crentes no Céu, perante o Universo todo, ocorrendo próximo do fim dos tempos (depois de 1798). É claro que estas informações lhe parecem familiares; afinal, descrevem o juízo investigativo.

O que aprendemos até aqui?

1. O julgamento do povo de Deus ocorre depois de 31 d.C.
2. O julgamento do povo de Deus ocorre depois de 1798.
3. O julgamento do povo de Deus ocorre antes da segunda vinda.

A data de 1798, que acabamos de estudar, elimina todos os anos e séculos anteriores, porém, ainda precisamos conectá-la a 1844. Os capítulos 8 e 9 de Daniel cumprirão esse objetivo.

Capítulo 5

Como veremos, Daniel 8 repete o capítulo 7 do mesmo livro. Embora alguns aspectos de Daniel 7 estejam faltando em Daniel 8, outros detalhes são acrescentados. Não obstante, o cenário descrito nos dois capítulos é semelhante.

Assim como Daniel 2 e 7, Daniel 8 está dividido em duas partes: a visão ou sonho profético, e a explicação do mesmo. Em Daniel 8, os primeiros quatorze versos tratam da visão de um carneiro, de um bode, do chifre pequeno, e, então, da purificação do santuário. A segunda metade do capítulo – versos 15 a 27 – explica o significado do carneiro, do bode e do chifre pequeno. A purificação do santuário não é explicada.

Vamos analisar a visão encontrada em Daniel 8.

“No ano terceiro do reinado do rei Belsazar, eu, Daniel, tive uma visão depois daquela que eu tivera a princípio.” Verso 1.

Daniel teve uma visão durante o reinado de Belsazar, que era rei de Babilônia. Essa visão, portanto, foi dada durante o período babilônico. O que viu Daniel?

“Então, levantei os olhos e vi, e eis que, diante do rio, estava um carneiro, o qual tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marcaduras para o ocidente, e para o norte, e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia.” Versos 3 e 4.

36 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Em visão, Daniel viu um carneiro com dois chifres. Esse carneiro movia-se em três direções, e nenhum animal podia fazê-lo parar. O carneiro “se engrandecia”.

A primeira parte da visão de Daniel, portanto, é de um carneiro.

O que veio em seguida?

“Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a Terra, mas sem tocar no chão; este bode tinha um chifre notável entre os olhos; dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, o qual eu tinha visto diante do rio; e correu contra ele com todo o seu furioso poder.” Versos 5 e 6.

Em seguida, Daniel viu um bode que atacou o carneiro.

“Vi-o chegar perto do carneiro, e, enfurecido contra ele, o feriu e lhe quebrou os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir; e o bode o lançou por terra e o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele. O bode se engrandeceu sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu.” Versos 7 e 8.

O bode, que tinha um chifre notável entre os olhos, destruiu o carneiro que o precedeu. Esse bode “engrandeceu-se sobremaneira”, no entanto, o grande chifre foi mais tarde quebrado e quatro “chifres notáveis” o substituíram.

Após a queda do chifre do bode, outro poder surgiu dentre um dos quatro ventos do céu. “De um dos chifres saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. Cresceu até atingir o exército dos Céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou. Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou

o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões; e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou.” Versos 9-12.

Depois do bode aparece um chifre pequeno. Ele se move em várias direções sobre a Terra, mas a seguir estende-se para o alto, até alcançar “o exército dos Céus”. Deita por terra a verdade, e torna-se “muito forte”.

Até esse momento Daniel viu um carneiro, um bode e um chifre pequeno.

A seguir, na visão, ele ouve dois santos dialogando, um perguntando ao outro sobre as coisas que Daniel viu. “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” Verso 13. A resposta é: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Verso 14.

A visão termina com a purificação do santuário! Esta é a última coisa que acontece na visão de Daniel: uma data é estabelecida para a purificação do santuário. Depois disto, a visão termina. A questão mais importante aqui é que a visão termina com a purificação do santuário.

A visão de Daniel, portanto, poderia ser descrita da seguinte forma:

Carneiro

Bode

Chifre pequeno

Santuário purificado

Leia Daniel 8:1-14 várias vezes, até conseguir visualizar esta seqüência de eventos: *carneiro, bode, chifre pequeno, santuário purificado*. Isto precisa ficar bem claro.

38 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

A primeira parte de Daniel 8 descreve a visão; a segunda parte a explica. Em Daniel 8:15-18, o anjo Gabriel – depois de receber a ordem de fazer “entender a este a visão” – veio a Daniel e disse-lhe: “Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim.” Note que Gabriel disse que a visão seria para “o tempo do fim”, um detalhe tão importante que ele o repetiu no verso 19. “E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim.”

Que representavam aqueles animais?

“Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da Média e da Pérsia.” Verso 20.

Média-Pérsia!

Já não vimos este reino antes? Não foi ele representado pela prata na estátua de Daniel 2 e pelo urso em Daniel 7? Aqui está ele mais uma vez, agora simbolizado por um carneiro. Não estamos falando da minha opinião, ou de registros históricos. A Bíblia menciona este reino pelo nome!

Note também o paralelismo entre o urso medo-persa de Daniel 7, e o carneiro medo-persa do capítulo 8. Ambos os animais eram assimétricos: o urso levantou-se num dos lados (7:5), enquanto que os chifres do carneiro não eram do mesmo tamanho, sendo um maior que o outro (8:3). Além disso, o urso tinha três costelas na boca, que se acredita sejam Babilônia, Egito e Lídia, três nações que foram subjugadas pela Média-Pérsia. O carneiro em Daniel 8 fez conquistas em três direções: ocidente (Babilônia), norte (Lídia) e sul (Egito).

Agora surge uma pergunta lógica: Onde está Babilônia? Temos Babilônia em Daniel 2 e 7, mas onde se encontra ela em Daniel 8? Embora a visão de Daniel 8 tenha início durante o reinado de Babilônia, esse império não é mencionado nesta profecia. Uma explicação co-

mum é que Babilônia estava chegando ao fim de seu reinado quando Daniel recebeu a visão do capítulo 8. Como sairia de cena em breve, não havia razão para delinear-lá. Embora esta resposta tenha certa validade, há uma explicação melhor. Eu a darei no próximo capítulo.

De qualquer forma, a visão de Daniel 8 começa com o carneiro, que simboliza o império medo-persa. O que dizer do bode que veio a seguir?

As palavras de Gabriel foram: “Mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei; o ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha.” Versos 21 e 22.

Grécia!

Já não vimos este reino antes? Não foi ele representado pelo bronze na estátua de Daniel 2 e pelo leopardo no capítulo 7? O primeiro rei, obviamente, é Alexandre o Grande, que levou o império a seu apogeu, e os quatro reis são os quatro generais entre os quais foi dividido o reino após a morte de Alexandre (o que foi “quebrado”). Novamente, é desnecessário especular sobre a identidade do reino. A Bíblia especifica o nome do mesmo!

Note aqui também, o paralelismo entre o bode do capítulo 8 e o leopardo do capítulo 7. Ambos surgiram após a Média-Pérsia. O leopardo tinha, nas costas, quatro asas de pássaro (7:6), enquanto o bode “voava” pela face da terra sem tocar o chão (8:5). Além disso, o leopardo tinha quatro cabeças (7:6), enquanto no bode surgiram quatro chifres depois que o grande chifre foi quebrado (8:8).

Portanto, o carneiro representa a Média-Pérsia, e o bode representa a Grécia. O que dizer do chifre pequeno que veio a seguir?

“Mas, no fim do seu reinado [os quatro generais (os chifres) do império dividido de Alexandre], quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de ferro catadura e especialista em intrigas. Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo. Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas.” Versos 23-25.

Evidentemente o chifre pequeno representa o terrível poder que surgiu depois da dissolução da Grécia – um próspero poder que destrói o povo de Deus. Antes de identificarmos este poder (algo que, aliás, já deveria estar óbvio a esta altura), note que o carneiro, que simbolizava a Média-Pérsia, foi descrito como tendo “se engrandecido”. Verso 4. O bode, que simbolizava a Grécia, foi descrito como tendo “se engrandecido sobremaneira”. Verso 8. No entanto, o chifre pequeno, que veio a seguir, foi descrito como “muito forte”. Verso 9. Seja qual for a nação que ele representava, foi maior do que as duas que a precederam.

Em Daniel 2, após a Média-Pérsia e a Grécia, o reino seguinte foi Roma (pagã e papal, embora a ênfase tenha sido mais política do que religiosa), simbolizada pelo mais duro entre todos os metais, o ferro. Em Daniel 7, após a Média-Pérsia e a Grécia, veio a Roma pagã e papal, simbolizada pelo mais feroz dentre todos os animais. Em Daniel 8, após a Média-Pérsia e a Grécia, surge outro poder, maior que os dois primeiros.

Este poder, obviamente, é Roma!

Vimos anteriormente que havia vários metais simbolizando os reinos em Daniel 2: ouro para Babilônia, pra-

ta para a Média-Pérsia e bronze para a Grécia. Havia um quarto metal para representar Roma: o ferro. Este ferro, que se iniciava após a Grécia (nas pernas), estendia-se até os dedos – até o fim dos tempos, quando Deus estabelecerá Seu reino – embora na altura do pé estivesse misturado com barro. A questão é que Roma surgiu depois da Grécia, e estende-se até o fim dos tempos, embora de forma diferente.

Em Daniel 7, diversos animais são usados para representar os reinos, incluindo o quarto animal, símbolo de Roma pagã. Entretanto, o chifre pequeno, que simboliza Roma papal, também fazia parte do quarto animal. Não era um poder separado. Portanto, o quarto animal, como o ferro em Daniel 2, surgiu após a Grécia e estende-se até os tempos do fim, embora de forma diferente.

O mesmo princípio é encontrado no chifre pequeno de Daniel 8. Ele surge após a Grécia (leia o verso 23), mas estende-se até o fim, quando será “quebrado sem esforço de mãos humanas”, assim como a pedra que representa o reino de Deus foi “cortada sem auxílio de mãos” – um símbolo da intervenção divina. Como os poderes das profecias anteriores, este chifre pequeno surge após a Grécia e se estende até o tempo do fim.

O chifre pequeno, portanto, simboliza tanto Roma pagã como papal, porque a fase pagã teve início logo após a Grécia, enquanto a fase papal se estenderia até o fim. Essas duas fases diferentes são mais difíceis de serem percebidas em Daniel 8, do que nos capítulos anteriores, mas ambas existem. O Dr. William Shea, do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral, e o Dr. Gerhard Hasel, do seminário da Andrews University, no volume 2 de *Daniel and the Revelation Committee Series*, escreveram sobre as fases pagã e papal do chifre pequeno de Daniel 8. Sem entrar em muitos detalhes neste momento, eles demonstram como os pri-

42 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

meiros versos descrevem a expansão horizontal do chifre pequeno: ele movia-se sobre a face da Terra. Veja o verso 9. Na opinião deles, esta primeira expansão representa a fase pagã de Roma, em que o império se espalhou pela face do globo. Os versos posteriores, contudo, descrevem um ataque religioso, à medida que o chifre pequeno cresceu em direção à “terra gloriosa”, até “ao príncipe do exército” e ao santuário no Céu. Isto descreve a fase papal de Roma, quando seu sistema religioso usurpou prerrogativas exclusivamente divinas. O chifre pequeno tem duas fases: ataque horizontal (pagã), e ataque vertical (papal). Analisaremos isto com mais detalhes na segunda parte deste livro.

A questão importante, neste momento, é determinar que o chifre pequeno, que veio após o carneiro e o bode, simboliza Roma em suas fases pagã e papal, embora a ênfase nesse capítulo, assim como no capítulo 7, seja na fase papal.

Realmente, há paralelismos entre o chifre pequeno de Daniel 7 e o chifre pequeno de Daniel 8, paralelismos que provam que estamos lidando com o mesmo poder.

1. Ambos são representados pelo mesmo símbolo: um chifre.
2. Ambos são poderes perseguidores. Leia Daniel 7:21 e 25; 8:10 e 24.
3. Ambos são blasfemos e exaltam a si mesmos. Leia Daniel 7:8, 20 e 25; 8:10, 11 e 25.
4. Ambos atacam o povo de Deus. Leia Daniel 7:25; 8:24.
5. Ambos têm aspectos de suas atividades delineados por datas proféticas. Leia Daniel 7:25; 8:13 e 14.
6. Ambos se estendem até o tempo do fim. Leia Daniel 7:25 e 26; 8:17 e 19.
7. Ambos são destruídos de forma sobrenatural. Leia Daniel 7:11 e 26; 8:25.

Fica claro que o chifre pequeno de Daniel 8 é Roma.

Até aqui, na explicação de Daniel 8, vimos que o carneiro é a Média-Pérsia, o bode, a Grécia, e o chifre pequeno, Roma. A ordem é a seguinte:

Média-Pérsia (carneiro)

Grécia (bode)

Roma (chifre pequeno)

Na própria visão, o que veio após o chifre pequeno foi a purificação do santuário. Na explicação da visão, o chifre pequeno é seguido de uma referência à purificação do santuário.

“A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes. Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias; então, me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse.” Versos 26 e 27. A esta altura, o capítulo termina.

À primeira vista, estes versos não parecem ter nada a ver com o santuário que é purificado no verso 14. No entanto, a tradução literal de Daniel 8:14 é: “Até 2.300 tardes manhãs; e o santuário será purificado.” A “visão da tarde e da manhã” (verso 26), portanto, refere-se à purificação do santuário. Na explicação, assim como na visão, a referência à purificação do santuário vem *após* Roma. Infelizmente, a parte da visão que se refere ao santuário sendo purificado não foi explicada, pois Daniel 8 termina dizendo que não a entendeu. Obviamente, como tudo o mais na visão de Daniel 8 (o carneiro, o bode, o chifre pequeno) foi explicado claramente, a parte da visão que ele não entendeu tinha a ver com a purificação do santuário — a visão das tardes e manhãs. Evidentemente, ele compreendeu todo o resto.

Um detalhe é que a explicação de Daniel 8 é dada na mesma ordem em que surgiram os eventos na visão:

44 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Visão de Daniel 8

Carneiro (versos 3 e 4)

Bode (versos 5-8)

Chifre pequeno (versos 9-12)

“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado.” Daniel 8:14.

Explicação da Visão

Média-Pérsia (verso 20)

Grécia (verso 21)

Roma Pagã/Papal (versos 23-25)

“A visão das tardes e manhãs [não explicada] ... é verdadeira.” Daniel 8:26.

No sétimo capítulo temos estas três nações – Média-Pérsia, Grécia, Roma – nesta seqüência, seguidas pelo julgamento no Céu. Em Daniel 8, temos, na mesma seqüência de Daniel 7 (Média-Pérsia, Grécia, Roma) as mesmas nações seguidas da purificação do santuário no Céu. Assim como os animais das várias visões representam os mesmos reinos, o paralelismo entre o julgamento de Daniel 7 e a purificação do santuário em Daniel 8 evidencia que são o mesmo acontecimento!

Daniel 7

Babilônia (leão)

Média-Pérsia (urso)

Grécia (leopardo)

Roma pagã (quarto animal)

Roma papal (chifre pequeno)

JULGAMENTO NO CÉU

Reino de Deus estabelecido

Daniel 8

—
Média-Pérsia (carneiro)

Grécia (bode)

Roma pagã (chifre move-se pela Terra)

Roma papal (atividades religiosas do chifre)

PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO

—

O urso (Média-Pérsia) de Daniel 7, corresponde ao carneiro (Média-Pérsia) de Daniel 8, porque ambos falam do mesmo poder.

O leopardo (Grécia) de Daniel 7, corresponde ao bode (Grécia) de Daniel 8, porque ambos falam do mesmo poder.

O quarto animal e seu chifre (Roma) de Daniel 7, correspondem ao chifre pequeno (Roma) de Daniel 8, porque ambos falam do mesmo poder.

E o julgamento de Daniel 7, corresponde à purificação do santuário em Daniel 8, porque falam do mesmo evento! O juízo e a purificação do santuário são sinônimos, aparecendo após Roma em ambas as profecias!

Estude esses dois capítulos até ser capaz de ver claramente a correspondência entre o julgamento de Daniel 7 e a purificação do santuário em Daniel 8. Este é um ponto crucial.

Apenas a comparação entre esses dois capítulos é suficiente para provar que o julgamento e a purificação são o mesmo evento, mas, será que há mais evidências? Os reinos anteriores, além de serem representados por animais que lhes são correspondentes no cenário profético, apresentam semelhanças entre si. A idéia do juízo apresenta alguma semelhança com a purificação do santuário?

Claro que sim! A purificação do santuário terrestre era o dia do juízo anual. Durante milhares de anos, desde os tempos do tabernáculo no deserto até hoje, os judeus têm celebrado a purificação do santuário (Yom Kippur) – o Dia da Expição – como o grande dia do juízo. Juízo, arrependimento, confissão de pecados, são a essência do Yom Kippur, o Dia da Expição.

Leia o relato a seguir, tirado de um antigo texto judaico, a respeito do Dia da Expição, quando o santuário era purificado:

“Deus, sentado em Seu *trono para julgar* o mundo, ao mesmo tempo Juiz, Defensor, Autoridade e

46 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Testemunha, abre os *Livros de Registros*; os mesmos são lidos, e a assinatura de cada homem é encontrada ali. Soa a grande trombeta; uma vozinha suave é ouvida; anjos estremecem e dizem: Este é o *dia do julgamento*; pois Seus próprios ministros não estão puros diante de Deus. Como um pastor reúne seu rebanho, fazendo-o passar sob sua vara, assim Deus faz com que todas as almas viventes passem diante dEle para estabelecer o limite da vida de cada criatura e predeterminar seu destino. ... No Dia da Expição é selado o destino daqueles que viverão, e daqueles que morrerão.” – Citado na Enciclopédia Judaica, “Dia da Expição”.

Embora a interpretação adventista do juízo investigativo não aconteça *exatamente* de acordo com este relato, há semelhanças. Não cremos nós da mesma maneira, num julgamento envolvendo livros contendo os nomes das pessoas (ou assinaturas), momento este em que cada caso é decidido para a vida ou para a morte? Além disso, veja como este relato contém alguns dos mesmos símbolos da cena de juízo encontrada em Daniel 7, ou seja, o juízo investigativo: ambos falam de Deus, ou, como está escrito em Daniel 7, o “Ancião de dias”. Verso 22. Ambos mencionam tronos. Este relato fala sobre o “Livro dos Registros”; Daniel 7 menciona que os “livros” foram abertos. Ambos se referem a um julgamento. Leia os versos 10, 22 e 26. Ambos os tribunais têm o envolvimento de seres angélicos. Daniel 7 se refere a um tipo de ajuste de contas final, assim como o faz este relato.

No pensamento judaico, o Dia da Expição é a última chance que uma pessoa tem de arrepender-se do pecado. O rabino Yechiel Eckstein descreve o Yom Kippur como “uma oportunidade final de apresentar-

mo-nos diante de Deus e implorar um julgamento misericordioso". – *Jews and Judaism* (Word Books: Waco, Texas, 1984), pág. 125.

No Dia da Expição, os judeus cumprimentam-se com uma frase em hebraico que poderia ser traduzida como: "Que possas estar selado no Livro da Vida para sempre."

Tenho em meu escritório um livro de orações do Dia da Expição, o qual está repleto de orações usadas pelos devotos judeus durante os dias sagrados do Yom Kippur. Quais são algumas das orações que eles fazem durante esse período? "Justifica-nos no juízo. ... Ó, silencia o acusador [Satanás], e faz com que o advogado tome seu lugar... e em consequência de seu pedido, declare: Tenho perdoado. ... Ó, apaga as transgressões do povo que foi salvo [Israel] ... Ele, o Ancião de Dias, senta-Se como um juiz. ... Que no livro da vida possamos ser lembrados e selados por Ti com bênçãos, paz e sustento."

Selado! Livro da vida! Oportunidade final de arrepender-se! Quem viverá e quem morrerá! Dia do juízo! Livros de registros! Justifica-nos durante o juízo! Silencia o acusador! Apaga as transgressões!

Esse conceito do Dia da Expição encaixa-se perfeitamente no que os adventistas, há anos, vêm ensinando sobre o juízo investigativo. Não admira, portanto, que o juízo de Daniel 7 e a purificação do santuário em Daniel 8 correspondam um ao outro. Na verdade, são a mesma coisa.

Verificamos, também, em nosso estudo de Daniel 7, que o reino da Média-Pérsia terminou por volta de 331 a.C. Se terminou em 331 a.C. em Daniel 7, então obviamente o mesmo poder terminaria em 331 a.C. no capítulo 8 também. A seguir veio a Grécia, que em Daniel 7 terminou em 168 a.C. Portanto, a Grécia apresentada em Daniel 8 também terminou em 168 a.C. Depois da

48 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Grécia veio Roma, que em Daniel 7 foi descrita como tendo durado até 1798. Obviamente o mesmo poder, quando apresentado em Daniel 8, também dura até 1798. Depois de 1798, em Daniel 7, veio o julgamento no Céu, que é a mesma coisa que a purificação do santuário em Daniel 8. Ambos os eventos – juízo e purificação do santuário – tendo aparecido após a fase de Roma, necessariamente ocorreram após 1798.

Se o julgamento celestial realmente ocorreu após 1798, o mesmo se deu com a purificação do santuário. Evidentemente, eles começaram ao mesmo tempo pois são a mesma coisa. Portanto, a purificação do santuário ocorre após 1798!

Daniel 7

Babilônia

Média-Pérsia (urso)

Grécia (leopardo)

Roma (besta/chifre)

JUÍZO NO CÉU

Daniel 8

539 a.C.

Média-Pérsia (cameiro) 331 a.C.

Grécia (bode) 168 a.C.

Roma (chifre pequeno) 1798 d.C.

PURIFICAÇÃO DO
SANTUÁRIO

Após a Média-Pérsia (331 a.C.), veio a Grécia. Após a Grécia (168 a.C.), veio Roma. Após a última fase de Roma (1798 d.C.), veio a purificação do santuário!

Estudamos que a visão de Daniel 8 era relativa ao “tempo do fim”, e a purificação do santuário veio ao final da visão. Sendo assim, o único santuário ao qual poderia estar se referindo era o santuário celestial (tão vividamente descrito no livro de Hebreus), porque não existia qualquer outro santuário. O último havia sido destruído mais de 1.700 anos antes do final da fase de Roma em 1798, e a purificação tinha que vir após esta data.

É interessante notar que séculos antes do adventismo, os judeus acreditavam num santuário no Céu. O

Talmude, o *Midrash* e outras antigas fontes judaicas falam a respeito do “santuário celestial” e do “templo no Céu”. Acreditavam até que Miguel fosse o Sumo Sacerdote, ministrando naquele santuário celestial, intercedendo pelo povo de Deus contra as acusações do diabo! A Enciclopédia Judaica (*Jewish Encyclopedia*) diz: “Os rabinos falam de Miguel (Metatron) como o capitão das hostes celestes, como o sumo sacerdote que oferece sacrifício no templo superior” (s.v. “Angelology”). Um antigo texto judaico diz: “Miguel e Samael [Satanás] estão diante da Divina Presença: Satanás acusa, enquanto Miguel aponta para as virtudes de Israel.” – *Midrash Rabbah on Exodus*, Ed. Roncino, vol. 1, pág. 222.

Estude com muita atenção os eventos correspondentes de Daniel 7 e 8. Leia os capítulos deste livro várias vezes junto com Daniel 7 e 8, até que possa ver claramente a correspondência entre os reinos de Daniel 7 e 8, que o juízo de Daniel 7 e a purificação do santuário em Daniel 8 são o mesmo evento, e que devem ocorrer após 1798.

Façamos uma recapitulação:

1. O julgamento do povo de Deus ocorre após a cruz, mas, antes da segunda vinda.
2. O julgamento do povo de Deus, descrito em Daniel 7, ocorre após 1798.
3. O julgamento do povo de Deus, em Daniel 7, corresponde à purificação do santuário em Daniel 8. São o mesmo evento.
4. A purificação do santuário, portanto, deve ocorrer após 1798.

Chegamos à conclusão, através de nosso estudo, de que a purificação do santuário de Daniel 8:14 ocorre após o ano 1798. Entretanto, Daniel 7 e 8 não nos dão a data exata.

Daniel 9 encarrega-se disso.

Capítulo 6

Antes de entrarmos no estudo de Daniel 9, é bom recordarmos que Daniel 2 consistia em um sonho profético e uma explanação completa sobre o significado do sonho; Daniel 7 também consistia em uma visão profética e uma explicação completa, e Daniel 8, em uma visão apenas parcialmente explicada. Os eventos envolvendo o carneiro, o bode e o chifre pequeno foram bem detalhados. A única parte não esclarecida foi a visão das 2.300 tardes e manhãs, que se referem à purificação do santuário.

Daniel 9, entretanto, não traz qualquer visão. Apenas uma explicação ao final do capítulo.

Portanto, temos Daniel 2 – sonho, explicação completa. Daniel 7 – visão, explicação completa. Daniel 8 – visão, explicação parcial. Daniel 9, apenas uma explicação.

O que é explicado em Daniel 9?

A parte principal de Daniel 9 consiste na oração do profeta por livramento para o povo de Israel. A oração inclui confissão, arrependimento, e um pedido de perdão. “Ah, Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que Te amam e guardam os Teus mandamentos; temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos Teus mandamentos e dos Teus juízos.” Versos 4 e 5. A oração é um pedido a Deus, para que “aparte-se a Tua ira e o Teu furor da Tua cidade de Jerusalém, do Teu santo monte”. Verso 16.

O detalhe importante nesta oração, é que Daniel nunca pede qualquer explicação. Em nenhum momento ele pergunta a Deus: *Por que aconteceu isto?* ou *Por que aconteceu aquilo?* Daniel sabe a razão: “Por causa de nossos pecados e por causa das iniquidades de nossos pais, se tornaram Jerusalém e o Teu povo opróbrio para todos os que estão em redor de nós.” Verso 16.

Ele não fez qualquer indagação na oração. Ele não procurava explicações. A última vez que vemos Daniel sem entender alguma coisa é no final do capítulo 8, em relação à visão sobre a purificação do santuário.

O que acontece a seguir?

“Falava eu, digo, falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão ao princípio, veio rapidamente, voando, e me tocou à hora do sacrifício da tarde.” Verso 21.

Quem chega? Gabriel. A última vez que vimos Gabriel foi em Daniel 8. Na verdade, Daniel está aludindo à visão na qual havia visto Gabriel, a quem fora dito que desse “a entender a este a visão”. Daniel 8:16. Gabriel, entretanto, não acabou de explicar a visão em Daniel 8.

A esta altura, uma rápida pesquisa no original hebraico é muito esclarecedora. No original hebraico de Daniel 8 e 9, duas palavras distintas são usadas; no português, ambas são traduzidas por *visão*.

“No ano terceiro do reinado do rei Belsazar, eu, Daniel tive uma visão [*hazon*] depois daquela que eu tivera a princípio.” Daniel 8:1. O verso seguinte diz: “Quando a visão [*hazon*] me veio.” A palavra *hazon* refere-se à visão toda de Daniel 8.

No entanto, quando Daniel se referiu especificamente aos 2.300 dias e à purificação do santuário, usou outra palavra que foi traduzida por *visão*.

52 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

“A visão [*mareh*] da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira. ... Espantava-me com a visão [*mareh*], e não havia quem a entendesse.” Versos 26 e 27.

A palavra *mareh* vem do radical hebraico *ra'ah*, que significa “ver”. Algumas vezes tem sido traduzida por *aparecer*.

Seja como for, o fato é que Daniel 8 usa duas palavras distintas, que foram traduzidas por apenas uma palavra: visão. A primeira é *hazon*, que se refere à visão toda do capítulo, e a outra é *mareh*, que se refere especificamente aos 2.300 dias. Estas duas palavras também aparecem em Daniel 9.

“Falava ainda na oração, quando o homem Gabriel, que eu tinha observado na minha visão [*hazon*] ao princípio... Ele queria instruir-me, falou comigo e disse: Daniel, agora, saí para fazer-te entender o sentido.” Versos 21 e 22.

Aqui Daniel se reporta a Gabriel, o anjo que havia visto na *hazon*, ou seja, na visão do capítulo anterior como um todo. Lembre-se de que em nenhum momento da oração de Daniel ele pedira para “entender o sentido”. A última vez que precisara de compreensão fora a respeito dos 2.300 dias de Daniel 8, e agora, no capítulo 9, Gabriel promete fazer-lhe “entender o sentido”.

Note, agora, a parte específica da visão de Daniel 8, para a qual Gabriel lhe chama a atenção neste verso. “No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a coisa e entende a visão [*mareh*].” Verso 23.

Que *mareh*? Evidentemente, a *mareh* dos 2.300 dias que Daniel não havia compreendido no capítulo anterior. Não poderia ser nada além de uma referência à *mareh* dos 2.300 dias!

Aqui está o mesmo anjo intérprete da visão de Daniel 8, à qual o próprio Daniel se refere quando Ga-

briel aparece. O anjo promete dar entendimento a Daniel, e o único detalhe sobre o qual o profeta não tivera entendimento fora a *mareh* dos 2.300 dias. A seguir, Gabriel faz uma alusão específica à *mareh*, e diz a Daniel: “considera... e entende a visão”.

Fica claro que Gabriel veio para explicar a visão dos 2.300 dias dada no capítulo anterior.

Além disso, que tipo de profecia fora a *mareh* de Daniel 8:14? “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Era uma *profecia de tempo*.

Em Daniel 9, depois que Gabriel dirige os pensamentos de Daniel à profecia dos 2.300 dias, o que diz?

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo.” Verso 24. Setenta semanas? Que tipo de profecia é esta? É claro que, assim como a *mareh* à qual está ligada, esta também é uma *profecia de tempo*!

Existem ainda outros elos de ligação entre os dois capítulos, e nós os analisaremos na segunda parte do livro. A questão crucial, agora, é notar que a explicação de Daniel 9 é, na verdade, uma explicação dos 2.300 dias – a *mareh* de Daniel 8 que Gabriel não havia explicado anteriormente.

Neste momento, analisemos a explicação em si. A primeira frase diz o seguinte: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo.” Aqueles que se opõem à nossa mensagem argumentam que a tradução aqui está correta – que setenta semanas foram “determinadas”. Os adventistas afirmam que o significado literal da palavra usada no original, *chatak*, quer dizer “cortadas”, e portanto as setenta semanas são tiradas dos 2.300 dias. Qual tradução é mais precisa?

Infelizmente a palavra *chatak* não é usada em qualquer outro lugar da Bíblia, portanto, não podemos comparar seu uso em outros textos. Entretanto, existem outras palavras mais comuns para *decretadas*

54 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

ou *determinadas*, não obstante, por alguma razão, Daniel não as usou. Preferiu, em vez disso, usar esta palavra mais desconhecida.

Embora *chatak* não apareça na Bíblia em qualquer outro lugar, a palavra aparece inúmeras vezes na *Mishnah*, um comentário bíblico judaico, compilado nos primeiros séculos de nossa era. Embora não seja idêntico ao hebraico bíblico, o hebraico *mishnaico* é semelhante, e das doze vezes em que o verbo *chatak* é usado, dez vezes refere-se a *cortar* partes de animais de acordo com as leis de saúde. Das dezenove vezes em que a palavra é usada na forma de substantivo, somente uma vez tem o significado de decreto. Nas outras dezoito vezes em que aparece, a palavra tem o seguinte sentido: “Aquilo que é cortado.”

A *Concordância de Strong* declara que o radical desta palavra é “cortar”. A tradução de Whiting traz o verbo “cortar”. Gesenius, lexicógrafo do hebraico, define a palavra como “cortar”. O dicionário Caldeu-Rabínico de Stocius a define como “cortar, cortar fora, cortar em pedaços, cortar ou entalhar, desligar”. As versões mais antigas da Vulgata e da Septuaginta a traduzem como “cortar”. Na versão grega de Theodotian, ela aparece como “cortar”. Além destas, várias outras versões usam o sentido de “cortar”, mas você, provavelmente, já percebeu onde estou querendo chegar: “Cortar” é a tradução mais adequada.

Portanto, a profecia das setenta semanas é cortada. Para que isto seja possível, deve ser cortada de alguma coisa, e a única possibilidade seria uma profecia de tempo maior, ou seja, a profecia dos 2.300 dias da visão anterior, à qual Gabriel aludiu ao falar com Daniel.

Vamos analisar rapidamente a profecia das setenta semanas. Muito tem sido escrito sobre ela no movimento adventista, e todos nós deveríamos conhecê-la bem.

“Setenta semanas estão determinadas [cortadas] sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos santos.” Verso 24.

A explicação começa com um período de setenta semanas, durante o qual é estabelecido que Israel alcance certos objetivos. Aqui, também, aplicamos o princípio do dia profético, e na segunda parte do livro demonstrarei por que o princípio do dia profético *precisa* ser utilizado aqui, pois de outra forma a profecia não faria qualquer sentido. Se um dia é igual a um ano, setenta semanas são 490 dias, ou anos. Portanto, os judeus receberam 490 anos para colocar as coisas nos eixos. Veja o quadro abaixo.

Setenta semanas ou 490 anos
“cortados” sobre o teu povo.



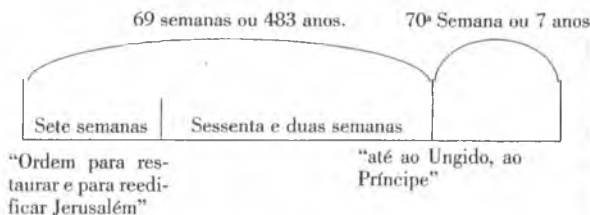
Porém, a questão é: 490 anos tirados de onde?

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos.” Verso 25.

Este verso dá o ponto de partida da profecia. Diz que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas”, ou seja, 69 se-

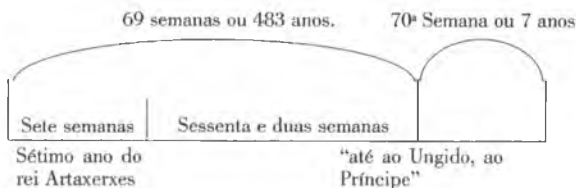
56 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

manas. Aqui estão 69 das 70 semanas. Sendo assim, do momento em que fosse dada a ordem para a restauração e construção de Jerusalém, que havia sido destruída pelos babilônios, até a vinda do Messias, que sabemos ser Jesus, passariam 69 semanas proféticas, ou seja, 483 anos, usando o princípio do dia profético. O que o verso diz, portanto, é que do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém, até Jesus, o Messias, passariam 483 anos (veja o quadro abaixo).



O que dizer do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém? Muitos teólogos, incluindo não adventistas, concluíram que esse decreto foi promulgado no “sétimo ano do rei Artaxerxes”. Esdras 7:7.

Há um consenso em relação a esta data, e a mesma começa no reino medo-persa, assim como as visões de Daniel 8 também começam na Média-Pérsia. Aqui está outra razão por que Daniel 8 não começou com Babilônia: Deus queria enfatizar a Média-Pérsia como um ponto inicial para *ambas* as profecias: Daniel 8 e 9.

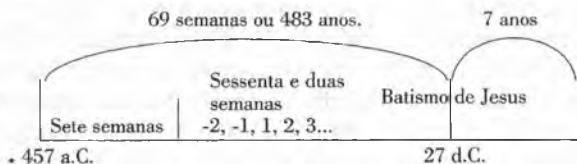


Em que ano começou o reinado de Artaxerxes?

O grande debate, no mundo teológico, é se esse sétimo ano teria sido em 457 ou 458 a.C. Alguns dizem 457, outros dizem 458, dependendo de que tipo de calendário acreditam que os judeus usavam. Em *The Chronology of Ezra 7*, escrito por Horn e Wood, os autores provaram – usando inúmeros textos antigos – que os judeus usavam um calendário de outono a outono para contar os anos do reino de Artaxerxes, determinando que o sétimo ano de seu reinado foi em 457. Realmente, após esse estudo, não sobraram muitas dúvidas quanto a esta data. Até hoje muitos não adventistas também aceitam o ano de 457 como o sétimo ano de Artaxerxes, utilizando um calendário de outono a outono.

Se adicionarmos 483 anos a 457 a.C., chegamos a 27 d.C. (Lembre-se de que estamos usando um calendário em que não há ano zero, como geralmente acontece numa série de números, ou seja, -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3. Em vez disso, o calendário funciona da seguinte forma: -3, -2, -1, 1, 2, 3. Isto nos levará ao ano 27 d.C., e não ao 26, como ocorreria se contássemos o ano zero.)

Logo, do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém (457 a.C.) até o primeiro advento de Jesus, passariam 483 anos, que terminariam no ano 27 d.C. Sabemos que em 27 d.C. Jesus foi batizado, e então iniciou Seu ministério.

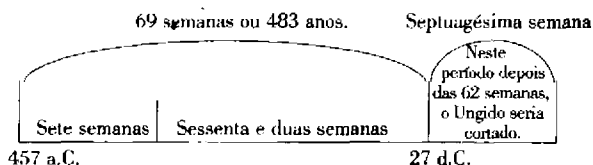


O verso a seguir diz:

58 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

“Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.” Verso 26.

Em hebraico, o texto diz que “depois *das* sessenta e duas semanas”, o Messias seria morto. Esse período termina em 27 d.C. Em algum momento após 27 d.C. – durante os sete anos que formam a septuagésima semana – o Messias seria morto, o que sabemos ter acontecido.

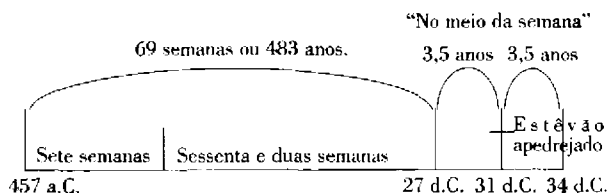


O último verso do capítulo trata especificamente dos sete anos da septuagésima semana da profecia:

“Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição que está determinada, se derrame sobre ele.” Verso 27.

O texto diz que, no meio da última semana, ou sete anos, Ele faria com que cessassem o sacrifício e a oferta de manjares. No meio da última semana, ou seja, três anos e meio – 31 d.C. – sabemos que Jesus foi crucificado (veja o quadro a seguir). Naquele momento, todo o sistema sacrificial perdeu o sentido. Embora os judeus continuassem a oferecer sacrifícios durante mais quarenta anos, os mesmos não significavam nada para Deus. Quando os líderes mataram Estêvão em 34

d.C., esta atitude marcou o fim da “aliança com muitos por uma semana”. Aquela morte realmente selou a rejeição oficial de Israel a Jesus, e pôs fim ao concerto que houvera entre Deus e aquela nação durante séculos. Isto ocorreu em 34 d.C., o último ano da profecia das setenta semanas (veja quadro a seguir).



Volte mais uma vez à profecia das setenta semanas e estude-a com muita atenção. A igreja tem produzido inúmeros estudos sobre Daniel 9. Todos deveríamos conhecer bem esse capítulo. A questão importante agora, entretanto, é notar que a profecia das setenta semanas, ao contrário da profecia dos 2.300 dias, como a estudamos até aqui, tem um início e um fim. O início deu-se em 457 a.C.; o final, em 34 d.C.

Façamos uma recapitulação: estudamos que os 2.300 dias de Daniel 8 foram a única parte não explicada por Gabriel. Em Daniel 9, não há visão; apenas uma explicação. Gabriel, o mesmo anjo intérprete de Daniel 8, vem e oferece uma explicação, e o único momento em que Daniel havia precisado de uma explicação fora o momento em que ouviu a profecia dos 2.300 dias em Daniel 8. Gabriel faz uma alusão específica à *mareh* dos 2.300 dias, uma profecia de tempo, e então lhe apresenta outra profecia de tempo, as setenta semanas, que ele diz serem “cortadas”. Obviamente, devem ser cortadas dos 2.300 dias.

Estamos lidando com dois elementos de tempo: o mais longo, 2.300 dias, o qual não tem início nem fim, e o mais curto, as setenta semanas, que têm início e fim definidos.

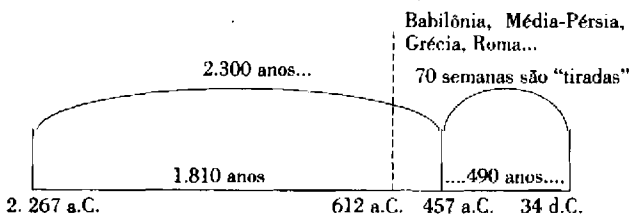
60 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

2.300 dias

457 a.C. ————— 34 d.C.
70 semanas

As setenta semanas, que se iniciam em 457 a.C., são cortadas (retiradas) do período maior, os 2.300 dias. Alguém me disse certa vez: “Entendo que as setenta semanas são retiradas dos 2.300 dias, mas por que não as tiramos do *final* dos 2.300 dias, em vez do início?”

O quadro abaixo demonstra o que acontece se tirássemos as setenta semanas do fim, em vez do início.

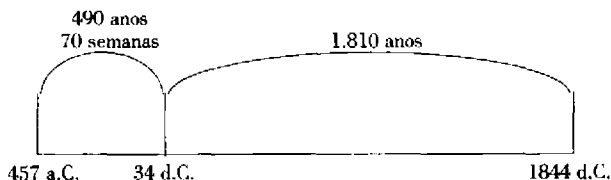


Dois grandes problemas surgem com esta interpretação: os 2.300 dias terminariam em 34 d.C., colocando a data inicial no ano 2267 a.C., uma data muito longe dos acontecimentos que estudamos até aqui. Vimos que Babilônia é a primeira nação em nossos estudos proféticos. Se tirássemos as setenta semanas do final, o início dos 2.300 dias seria 1.600 anos antes de Babilônia, claramente fora do período de tempo com o qual estamos lidando nestas profecias.

Mas, o mais importante é que se a tirarmos do fim, colocaríamos a purificação do santuário em 34 d.C. Vimos em nossos estudos anteriores, que a purificação do santuário deve acontecer depois do período de 1.260 anos de domínio do chifre pequeno, que terminou em 1798. A purificação do santuário simplesmente não se encaixa em 34 d.C. Além disso, Daniel diz

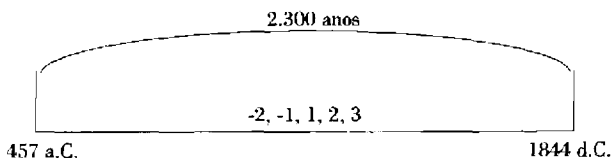
três vezes que a visão de Daniel 8 é para o tempo do fim, e o ano de 34 d.C. está muito longe desta época.

A única outra alternativa, portanto, é cortar as setenta semanas do lugar lógico: o início dos 2.300 anos (veja quadro a seguir).



Veja só o que acontece! Se começarmos com os primeiros 490 dos 2.300 anos (novamente usando o princípio do dia profético) e chegarmos a 34 d.C., adicionando em seguida os 1810 anos restantes do total de 2.300, *chegaremos a 1844!*

Ou, se adicionarmos 2.300 anos diretamente ao ano 457 a.C. (lembre-se de anular o ano zero), também chegaremos a 1844!



Seja como for que façamos as contas, a data acaba chegando a 1844!

Note, também, como 1844 se encaixa em nosso critério para o juízo: (1) vem após a cruz; (2) vem após 1798; (3) vem antes da segunda vinda.

Outro ponto importante é que os adventistas não foram os únicos que ligaram os 2.300 dias de Daniel 8 com as setenta semanas de Daniel 9. Durante mui-

62 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

tos anos, inúmeros teólogos aceitaram a interligação entre estas duas profecias. Por exemplo, o Bispo Daniel Wilson (1778-1858) escreveu em 1836: "Por conseguinte, as setenta semanas, começando com a saída deste decreto; os 2.300 dias da visão anterior começam ao mesmo tempo, pois as visões são, na verdade, uma só" (citado em LeRoy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 3, pág. 620). Wilson calculou que o final dos 2.300 dias seria em 1847.

Mesmo que alguém queira debater sobre a data de 457 a.C., não pode levar a discussão muito longe, pois esta profecia está baseada em Jesus. Mesmo tomando por base datas que tenham alguns anos de diferença, como foi o caso de Wilson, de qualquer forma chegaríamos à purificação do santuário nos anos quarenta do século passado! Se alguém estabelecesse o início das 70 semanas com diferença de trinta, cinquenta ou cem anos em relação ao ano 457 a.C., teria que colocar a vida de Jesus trinta, cinquenta ou cem anos além ou aquém da data em que se sabe que Ele viveu. A vida de Jesus é nossa segurança de que a profecia é correta. Ele forma uma base para a mesma. A profecia é tão verdadeira quanto foi o próprio Jesus.

Volte ao início deste livro e, usando sua Bíblia, estude a seqüência de reinos em Daniel 2. Em seguida, estude o capítulo 7 de Daniel e a seqüência de eventos descritas ali. Estude a identidade do chifre pequeno. Analise como o juízo no Céu acontece depois do chifre pequeno, cujo reinado dura até o ano 1798. Veja como o juízo, em Daniel 7, deve acontecer após 1798, porque vem depois do período do chifre pequeno.

Recapitule a seqüência de eventos em Daniel 8, incluindo a purificação do santuário, que vem após o chifre pequeno. Estude outra vez o quadro (pág. 48) que demonstra como o julgamento no Céu e a purifi-

cação do santuário são eventos paralelos, que ocorrem após 1798. Esse paralelo é crucial.

Veja como em Daniel 8 a *mareh* das 2.300 “tar-des e manhãs” não é explicada, e depois estude as ligações entre os capítulos 8 e 9. O mesmo anjo, ao falar com Daniel, alude à visão anterior, especialmente a *mareh* dos 2.300 dias – uma profecia de tempo – e promete dar-lhe entendimento. Em seguida, ele lhe dá outra profecia de tempo, uma profecia menor, e diz que a mesma é “cortada”. Estude até ser capaz de ver que o único lugar de onde estas setenta semanas podem ser cortadas é do início dos 2.300 dias.

Estude as setenta semanas. Veja como começa a profecia dos 2.300 dias, e então estude até ver que os 2.300 dias devem terminar em 1844. Leia esta primeira parte do livro várias vezes, comparando-a com a Bíblia, até que seja capaz de dar um estudo bíblico sobre este assunto. Somente quando for capaz de dar este estudo, terá entendido realmente estas profecias.

Uma questão final. A profecia das setenta semanas é, sem dúvida nenhuma, a profecia messiânica mais poderosa da Bíblia. Ela prova, além de qualquer dúvida, o messiado de Jesus. Nenhuma outra profecia foi tão estudada, tão debatida, tão controvertida. Ela prova claramente – mais do que qualquer outra profecia – que Jesus é o Messias.

Entretanto, as setenta semanas – a profecia messiânica mais poderosa e importante da Bíblia – são apenas parte da profecia dos 2.300 dias! Sendo assim, é óbvio que os 2.300 dias devem ser cruciais, senão não estariam diretamente ligados a uma profecia tão importante quanto a das setenta semanas.

Lembre-se, também, de que o Israel antigo não

64 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

estava preparado para a primeira vinda de Jesus, porque, entre outras razões, não compreenderam a primeira parte da profecia dos 2.300 dias: as setenta semanas, que eram a verdade presente para o tempo deles. Nós mesmos podemos não estar preparados para a segunda vinda de Jesus porque, entre outras coisas, não entendemos a segunda parte da profecia dos 2.300 dias: a purificação do santuário – verdade presente para os nossos dias.

Segunda Parte: Respostas a Objeções

Capítulo 7

A esta altura, se você leu e releu o material, deveria estar preparado para dar um estudo sobre 1844. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, você encontrará argumentos que são comumente usados contra o juízo investigativo de 1844. Esta parte do livro abordará os principais deles.

Um argumento contra a compreensão adventista de Daniel 8:14 tem a ver com a ligação do capítulo oito com o santuário de Levítico. As pessoas dizem que estamos errados ao relacionar Daniel 8 ao serviço do santuário, errados ao ver a purificação do santuário em Daniel 8 como um cumprimento da purificação típica do santuário em Levítico.

Este argumento é válido, ou realmente existe alguma ligação entre Daniel 8 e o santuário em Levítico?

Daniel 7 fala de um leão, um urso, um leopardo e um quarto animal – todos animais impuros. Que tipos de animais estão em Daniel 8? Um carneiro e um bode. Além de serem animais puros, são animais do santuário. Além de serem animais usados nos serviços do santuário, são animais usados especificamente no ritual do Dia da Expição. Veja Levítico 16!

Embora estes animais do santuário não provem que Daniel 8 esteja se referindo a Levítico, eles certamente sugerem um vínculo.

Mas os indícios mais fortes de ligação entre Daniel 8 e Levítico são encontrados na linguagem de Daniel

66 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

8, que contém palavras relacionadas ao serviço do santuário.

Em Daniel 8:11, por exemplo, há imagens do santuário. “Engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo.”

A palavra hebraica para *lugar*, *makon* (também traduzida por *fundação*) é usada dezessete vezes no Antigo Testamento, das quais, quatorze estão diretamente ligadas ao santuário. Em duas das outras três, está relacionada ao trono de Deus, sugerindo uma ligação com o santuário. Leia Êxodo 15:17; I Reis 8:13; II Crônicas 6:2; Isaías 18:4.

Depois há a palavra *santuário*! O termo em si já liga esse capítulo a Levítico. No verso 11, a palavra foi traduzida do original *miqdash*, um termo comum usado freqüentemente no Antigo Testamento para designar o santuário terrestre. Em algumas passagens, refere-se também à habitação celestial de Deus. Leia Salmo 68:35; 96:6.

Em Daniel 8:14 – “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” – a palavra para *santuário*, *qodesh*, também associa o capítulo ao serviço levítico. Esta palavra pode referir-se ao santuário como um todo, ao lugar santo ou ao lugar santíssimo. *Qodesh* é usada várias vezes em Levítico 16, onde o *qodesh*, o santuário, deve ser purificado.

Exército, encontrada nos versos 11 e 12, vem de *saba*, que significa “um exército”, embora no contexto do santuário a palavra tenha sido usada em relação ao trabalho dos levitas, aqueles que ministravam no santuário terrestre (às vezes traduzido por “serviço”). Leia Números 4:3, 23 e 30; 8:24.

A palavra para *diário* no verso 11, *tamid*, tem fortes ligações com o santuário. A maioria das traduções

diz “sacrifício diário” porque a palavra *tamid*, em referência ao serviço do santuário, é usada para o sacrifício diário (embora a palavra *sacrifício* não esteja no texto original) oferecido a cada manhã e tarde. Veja Êxodo 29:38 e 42. Às vezes é traduzida por *contínuo* ou *sempre*. Uma seção do *Talmude* é chamada *Tamid*, e fala de “todos os regulamentos para oferecimento regular dos sacrifícios diários”.

A palavra *tamid* também é usada em referência aos pães da proposição (leia Êxodo 25:30) encontrados no primeiro compartimento do santuário. É usada para referir-se ao candelabro, também no primeiro compartimento, cujas lâmpadas ficavam acesas continuamente (*tamid*) diante do Senhor. Leia Êxodo 27:20. *Tamid* refere-se ao uso do incenso no primeiro compartimento. Leia Êxodo 30:8. Em Levítico 6:13, *tamid* refere-se ao fogo no altar das ofertas queimadas – um fogo que queimava continuamente no altar, e nunca se apagava.

Certamente, a palavra *tamid* está associada ao santuário. Entretanto, note que a palavra é usada apenas para referir-se aos trabalhos realizados no primeiro compartimento. Nunca é usada para falar do segundo compartimento, onde é realizado o julgamento. *Tamid* está falando apenas do lugar santo. A importância deste detalhe será percebida mais à frente.

A palavra “tirou” no verso 11, do radical *rum*, é usada em relação ao santuário. Embora *rum*, como radical, signifique “levantar”, no contexto do santuário, especialmente quando usada na forma causal (como é o caso em Daniel 8:11), significa “tirar”. Em alguns lugares em Levítico, *rum*, geralmente na forma causal, foi traduzida por “tirar”, da mesma forma como o foi em Daniel 8:11. Leia Levítico 2:9; 4:8, 10 e 19. A palavra é usada para falar do ato de “tirar” as carcaças de animais usados no serviço sacrificial.

A esta altura, provamos que o capítulo 8 de Daniel pode ser lingüisticamente associado ao serviço do santuário. Porém, analisando com detalhes o que está acontecendo em alguns desses versos, podemos estabelecer vínculos ainda mais fortes.

Vimos anteriormente que Daniel 8 fala da Média-Pérsia e da Grécia. O poder do chifre pequeno, que aparece em seguida no verso 9, começa como Roma pagã, que “se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa”. Aqui vemos a expansão horizontal deste poder pela Terra, o que realmente ocorreu com o império de Roma, e portanto, encaixa-se perfeitamente na profecia.

Nos versos 10 a 12, as ações do chifre pequeno passam a dirigir-se para o alto, sinalizando uma investida religiosa. O chifre se engrandeceu até ao “príncipe do exército”, tirou-lhe o “sacrifício diário”, “deitou por terra a verdade”, e até mesmo o “lugar do seu santuário”. Aqui está a fase papal do chifre pequeno, e seus ataques ao evangelho.

Mas como, por exemplo, poderia o papado “deitar por terra” o lugar, ou fundamento, do santuário celestial (refere-se necessariamente ao celestial, pois o papado não existia nos dias do santuário terrestre)? Obviamente, o papado não foi até o Céu e atacou, fisicamente, o santuário. Em vez disso, através de seu sistema que envolve a missa, clero, confissão, mediação, etc. — que são uma contrafação da vida, morte e ministério de Cristo como sumo sacerdote (o “príncipe do exército”) — o fundamento do trabalho de Cristo no Céu se perdeu, ou, em certo sentido, foi “deitado por terra”.

Imagine se os países da Europa Ocidental transmitissem o programa “Está Escrito” para o bloco comunista no tempo da guerra fria. As ondas de rádio pulsariam através do ar, mas antes de chegarem aos ou-

vintes, os governos obstruiriam os sinais impedindo os mesmos de serem captados por milhões de aparelhos de rádio. Os habitantes daqueles países não receberiam os programas, não os poderiam ouvir, e não saberiam nada a respeito das verdades que lhes poderiam ser oferecidas. Em certo sentido, o fundamento – a essência – da mensagem estaria perdida, retirada, ou “deitada por terra”. Esse mesmo princípio é verdadeiro em relação à interferência papal no ministério de Cristo como sumo sacerdote.

É claro que estamos lidando com simbolismos, pois a “verdade” em si mesma jamais pode ser deitada por terra. O papado não poderia fazer nada para “deitar por terra”, fisicamente, o santuário de Deus, assim como não poderia, fisicamente, “[deitar] por terra a verdade”. Verso 12. Mas através de sua falsa intercessão e mediação, o papado pôde destruir a verdade a respeito do trabalho de Cristo no santuário, e, desta forma, “deitou por terra a verdade”.

O verso 10 diz que o papado “cresceu até atingir o exército dos Céus”, além de ter lançado por terra e pisado “alguns do exército e das estrelas”. A quem chamamos de “exército dos Céus”? Os anjos, é claro. Apocalipse 13:6, ao falar sobre o mesmo ataque religioso do papado, diz que o mesmo “abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, *os que habitam no Céu*”. Grifo nosso. Quem habita no Céu? Os anjos, o exército do Céu. Apocalipse 12:4 fala sobre a queda de Lúcifer e seus anjos, que são chamados “estrelas do Céu”. No verso 10, o papado lançou por terra algumas das “estrelas” que estavam no Céu.

Novamente, não estamos lidando com um lançar por terra físico, e sim, espiritual. Através das reivindicações e pretensões papais, tais como a declaração de

70 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

que é superior aos anjos, ou que tem controle sobre eles, ou ainda, de qualquer outra maneira através da qual tenha historicamente blasfemado contra aqueles “que habitam no Céu”, o papado engrandeceu-se até “atingir o exército dos Céus”, deitando-o abaixo, assim como, espiritualmente, deitou por terra a verdade.

Leia o verso 11 e a descrição do poder do chifre pequeno. Uma Bíblia judaica traduz esse texto da seguinte maneira: “Sim, ele engrandeceu-se até ao príncipe das hostes; e dele tirou as ofertas que queimam continuamente (o *tamid*), e o lugar de seu santuário foi lançado abaixo.”

O hebraico diz, literalmente, que o sacrifício diário, ou contínuo, foi tirado “dele”, ou seja, do príncipe dos exércitos. O “Príncipe das hostes” evidentemente se refere a Jesus: “ao Ungido, ao Príncipe”. Daniel 9:25. “Nesse tempo, Se levantará Miguel, o grande Príncipe.” Daniel 12:1. O livro de Hebreus também menciona Jesus como nosso sumo sacerdote no santuário celestial.

O chifre pequeno – o papado – engrandece-se até mesmo acima de Jesus. Qualquer um que declara ter funções divinas, como os papas o têm feito, está engrandecendo-se à igualdade de Deus. Tirar o sacrifício diário, ou seja, o ministério de Cristo no santuário, é algo que acontece através do sistema apóstata de mediação e intercessão – prerrogativas que pertencem a Cristo, no santuário celeste, mas que foram usurpadas pelo papado. Neste sentido, a “verdade” sobre o “lugar de seu santuário foi [deitada] abaixo”.

O verso 12, ao falar sobre o chifre pequeno, diz que “o exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões”.

Quem é este “exército” que foi entregue ao chifre pequeno; um exército que trabalha contra o “sacrifí-

cio diário, por causa das transgressões”? O Dr. Hasel escreve que isto poderia “possivelmente referir-se ao clero”. O trabalho do clero – através de suas transgressões contra a verdade divina – realmente usurpou o contínuo “ministério mediador do Príncipe dos exércitos celestiais. Intercessão, mediação e outros benefícios associados com o *tamid* estão sob o domínio do ‘exército’ do chifre pequeno”. – *Daniel and Revelation Committee*, vol. 2, págs. 416 e 417.

O sacrifício da missa, confissão auricular, mediação dos padres, oração aos santos, na verdade, todo o sistema papal usurpou a verdade do santuário até que a mesma ficou perdida e foi “deitada abaixo”.

Agora chegamos ao ponto crucial. Por que apenas o “sacrifício diário” – o *tamid* – foi tirado? Leia o verso 11. *Tamid* refere-se apenas ao ministério do primeiro compartimento do santuário. Por que apenas o ministério do primeiro compartimento foi tirado pelo papado? Por que apenas o “sacrifício diário”? Por que não o trabalho do segundo compartimento?

Porque o ministério do segundo compartimento, o serviço anual, que ocorria quando o santuário era purificado, não estava funcionando ainda!

Apenas ao final dos 2.300 dias, em 1844, teria início o ministério do segundo compartimento! O mesmo não podia ser deitado abaixo durante o reinado do chifre pequeno porque *não* estava funcionando naquela época. “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado!” Ou seja, até 2.300 anos; então terá início o sacrifício anual!

Em Daniel 8 temos ambas as fases do ministério de Cristo como sumo sacerdote no Céu: o diário, que sofre o ataque do papado; e o anual, o ministério do segundo compartimento, que tem início ao final das 2.300 “tardes e manhãs”, quando o santuário é purificado!

72 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

Que evidência de uma ligação com o serviço do tabernáculo!

É impossível compreender a verdadeira essência de Daniel 8, a menos que o associemos ao livro de Levítico.

Em Daniel 7, 8 e 9 vemos a Jesus. Daniel 9 enfatiza Seu papel como cordeiro, descrevendo a Cristo especificamente como o sacrifício, no momento em que foi “eliminado, embora Ele não tenha pecado”. Verso 26, versão da *Bíblia de Jerusalém*. Daniel 9, assim como Daniel 8, também usa linguagem do santuário. Fala sobre o tabernáculo, sobre sacrifícios, expiação pelo pecado, todas as coisas que estabelecem um elo entre os dois capítulos. Daniel 9, entretanto, enfatiza a Jesus como cordeiro – uma ênfase não encontrada nos capítulos 7 e 8.

Em Daniel 8, vemos Jesus como o sumo sacerdote, o “príncipe do exército”. Aqui, Seu papel é de mediador no santuário celeste, uma ênfase não encontrada nos capítulos 7 e 9. “Possuímos tal sumo sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.” Hebreus 8:1 e 2. No capítulo 8, Jesus é apresentado como sumo sacerdote.

Em Daniel 7, há uma ênfase distinta: a de um reino. Inúmeras vezes o capítulo menciona o “reino”, “os santos possuam o reino” (verso 22); os santos “receberão o reino e o possuirão para todo o sempre” (verso 18); “o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos” (verso 27). Aqui, Jesus é apresentado como a cabeça desse reino. Ele é Rei, um papel que não Lhe é atribuído nos capítulos 8 e 9.

Podemos ir além. Daniel 9 fala sobre a unção do

“santo dos santos”. A palavra hebraica usada para esta expressão – santo dos santos – só pode ser usada para referir-se ao santuário. Mas, que santuário deveria ser ungido dentro do período das 70 semanas, ou seja, de 457 a.C. a 34 d.C.? Não o tabernáculo do deserto, que havia sido ungido mil anos antes. O “santo dos santos”, não pode ser o templo de Salomão, que fora ungido em 516 a.C., quase sessenta anos antes do início das setenta semanas. O único “santo dos santos” digno de nota àquela altura era o “santo dos santos” celestial, o “verdadeiro tabernáculo” onde Jesus está ministrando neste momento.

Em Daniel 9, Jesus derrama Seu sangue, e este sangue é usado para ungir o “santo dos santos” – o santuário celestial. Em Daniel 8 vemos Jesus inicialmente ministrando no primeiro compartimento, o diário, e depois no segundo compartimento, quando o santuário é purificado. Em última análise, Daniel 7 consoma a seqüência quando Ele estabelece Seu reino, reinando como rei!

Nesses capítulos existe a seqüência encontrada no santuário terrestre: sacrifício, unção (Daniel 9), ministério no primeiro compartimento, seguido do ministério no segundo compartimento (Daniel 8), e finalmente o fim dos tempos (Daniel 7), todos centralizados em Jesus.

Por que, entretanto, é preciso inverter os capítulos de Daniel para achar esta seqüência? O Dr. Shea explica que o pensamento hebreu de antigamente funcionava do efeito para a causa, em vez da causa para o efeito, como é o caso do pensamento ocidental moderno. Sendo assim, é natural que esta seqüência comece com o efeito, que era o estabelecimento do reino, e termine com a causa, que foi o sacrifício de Jesus.

“Deste modo”, escreve Shea (vol. 2, pág. 239), “es-

74 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

tas três profecias de Daniel formam uma cadeia de explicações interligadas sobre o trabalho deste personagem que é comum a todas elas. No capítulo 9, Ele é o sacrifício. No capítulo 8, Ele é o sacerdote. No capítulo 7, Ele é o rei. Como estas diferentes fases do ministério estão ligadas por um fio condutor comum, o personagem central em todas elas deve ser identificado como o mesmo. As primeiras duas fases foram cumpridas em Jesus Cristo, e esperamos a conclusão da terceira quando os santos serão levados ao reino eterno de Deus.”

Podemos não apenas ver as muitas ligações entre Daniel 7, 8 e 9, mas, além disso, ver como esses capítulos, particularmente os capítulos 8 e 9, estão associados ao serviço do santuário – um elo de ligação que os adventistas têm proclamado desde a metade do século passado.

Capítulo 8

Outro argumento contra nossa compreensão do juízo investigativo é que a tradução da palavra “purificado” em Daniel 8:14 não é correta. Discute-se que “purificado” não é uma tradução apropriada, e que o radical da palavra para “purificado”, *tsadaq*, não tem qualquer relação com o radical da palavra “purificado” em Levítico 16, *taher*. Portanto, dizem eles, Daniel 8 não está falando sobre a purificação do santuário, e não tem qualquer relação com algum tipo de juízo divino como o que é tipificado em Levítico.

Embora a maioria das traduções modernas tenha deixado de lado o uso da palavra “purificado” em Daniel 8:14, usando, em vez disso, expressões como “será justificado”, a palavra “purificado” tem sido historicamente usada como tradução da palavra *tsadaq* em Daniel 8:14. Versões da Bíblia como a *Bishop's Bible* (1568), Bíblia de Genebra (1560), Bíblia de Taverner (1551), *Great Bible* (1539), *Matthew Bible* (1537), Bíblia de Coverdale (1537) e a Bíblia de Wycliffe (1382) – todas estas traduções usaram a palavra “purificado”.

O Dr. Hasel cita um teólogo não adventista que argumenta em favor da palavra purificado, em Daniel 8:14. “Será justificado”, ou qualquer expressão semelhante, diz este não adventista, “dificilmente pode ser aplicada ao santuário.” Realmente, no contexto do serviço do santuário, que é o contexto de Daniel 8, o santuário em si mesmo nunca é “justificado”. É purificado. Leia Levítico 16.

Além disso, as palavras com radical *tsdq* são usadas em conjunto com palavras que claramente significam “purificado”, incluindo *taher*.

Imagine um poema que diz: “Tenho um gato/o gato está no mato.” *Gato* e *mato* não estão relacionados entre si pelo significado, mas pelo som. São palavras que rimam. Igualam-se foneticamente (som), mas não semanticamente (significado). Se um poema diz: “Tenho uma casa/a casa é meu lar”, *casa* e *lar* não apresentam qualquer paralelismo em termos de som (não rimam), e sim de significado. Ambas podem equiparar-se semanticamente, pois têm significados semelhantes.

A poesia hebraica usa esse tipo de paralelismo semântico, uma correspondência de significados; em inúmeros textos, palavras com o radical *tsdq* aparecem paralelas a palavras que claramente significam “puro”. Vários estudiosos, mesmo não adventistas, têm notado essas ligações. Em Jó 4:17, por exemplo, encontramos *taher* e *tsadaq* em construções paralelas:

“Seria, porventura, o mortal *justo* [*tsadaq*]
diante de Deus?

Seria, acaso, o homem *puro* [*taher*] diante do
seu Criador?”

Assim como *casa* e *lar* são semelhantes, é possível perceber como *justo* e *puro* correspondem um ao outro nestes versos da poesia – não pelo som, mas pelo significado.

Muitas traduções antigas da Bíblia usaram a palavra “purificado” em Daniel 8:14. A *Septuaginta* usou “purificado”. A *Theodotion* usou “purificado”. A *Vulgata* usou “purificado”. A versão aramaica de *Peshitta* usou “purificado”. A tradução *Cóptica* usou “purificado”.

Além disso, na *Septuaginta* – a primeira tradução grega da Bíblia hebraica – a mesma palavra usada para “purificado” (*katharizo*) em Daniel 8:14, foi usada

para “purificado” na tradução de Levítico 16! Fica claro que os tradutores da *Septuaginta* perceberam um elo entre *taher* e *tsadaq*!

A mesma palavra grega é usada em Hebreus, quando o texto fala na necessidade de purificar o santuário celestial: “Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem [outra vez o radical usado é *katharizo*] com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.” Hebreus 9:23.

A concordância bíblica de Strong declara que um dos significados de *tsadaq* é “purificar”.

O Dr. Hasel explica que o radical da palavra *tsadaq* é freqüentemente usado no Antigo Testamento no contexto de um tribunal. A palavra aqui foi traduzida como “justificar”, ou “vindicar”, freqüentemente se referindo a pessoas. Vários derivados do radical *tsadaq* foram usados no contexto de tribunais e procedimentos jurídicos. Por esta razão, Hasel especula que Daniel “escolheu o termo *nisdaq* [voz passiva de *tsadaq*] – uma palavra rica em conotações e amplamente usada em cenas de julgamento e procedimentos legais – para comunicar mais eficazmente os aspectos interrelacionados da ‘purificação’ do santuário celestial no cenário cósmico do juízo final”. – *Daniel and Revelation Committee*, vol. 2, págs. 453 e 454.

Em outras palavras, ele usou essa palavra especificamente para expressar a idéia de um julgamento, assim como de purificação do santuário.

No contexto de Daniel 8, “será purificado” é a melhor tradução de *tsadaq*, que tem fortes laços com *taher* em Levítico 16.

Outro argumento contrário tem a ver com a atividade do chifre pequeno em Daniel 8. Alguns alegam

78 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

que a purificação do santuário no verso 14 ocorre *apenas* porque o chifre pequeno “deitou por terra” o santuário. Leia os versos 11-13. Portanto, Daniel 8 estaria falando apenas de como o chifre pequeno deitou por terra o santuário, e isto não teria nada a ver com o julgamento do povo de Deus.

A chave desta questão está em compreender que Daniel 8 é uma expansão de Daniel 7. Daniel 8 complementa o capítulo anterior, acrescentando outra dimensão a Daniel 7. Estudamos como a purificação do santuário no capítulo 8 descreve o grande julgamento celeste do capítulo 7, onde o povo de Deus é julgado favoravelmente e finalmente recebe o reino. Daniel 8, entretanto, introduz a idéia do santuário, um sacerdócio e um ministério celestial – idéias não mencionadas em Daniel 7. Ambos falam da mesma coisa, porém, o fazem a partir de perspectivas diferentes.

Além disso, ambos os capítulos (Daniel 7:21 e 25; Daniel 8:24) falam do povo de Deus, que é perseguido por um sistema religioso apóstata. Daniel 7 termina com a extinção desse poder apóstata, quando o “domínio é dado aos santos do Altíssimo”. Uma ênfase de Daniel 7 que não é encontrada em Daniel 8, é a idéia de um reino e domínio entregues ao povo de Deus. Leia Daniel 7:26 e 27. Esse domínio vem como consequência do julgamento que resulta na extinção do chifre pequeno, um poder perseguidor e blasfemo.

Em Daniel 8, a ênfase dada ao papado não é tanto em relação a suas perseguições, e sim a sua apostasia. O chifre pequeno estabeleceu um falso sacerdócio, rivalizando com a verdadeira mediação e plano de salvação instituídos por Deus. Em Daniel 8, o chifre pequeno também encontra seu fim: “Será quebrado sem esforço de mãos humanas.” Verso 25. E, embora não seja mencionado em Daniel 8, o povo de

Deus finalmente receberá o reino mostrado na visão de Daniel 7. Em Daniel 8, o que finalmente leva à extinção do chifre pequeno é o resultado da purificação do santuário. Em Daniel 7, é o julgamento no Céu que leva o chifre pequeno ao mesmo fim.

Portanto, obviamente a atividade do chifre pequeno estava ligada à purificação do santuário, porque, assim como no julgamento de Daniel 7, o *resultado* dessa purificação finalmente levará à destruição do chifre. Daniel 7 e 8 terminam com a salvação e vindicação do povo de Deus, bem como com a erradicação do chifre pequeno. Essa destruição é um *resultado* do juízo e da purificação do santuário. Nesse sentido, portanto, a atividade do chifre pequeno está relacionada com a purificação do santuário, embora a purificação envolva mais do que as atividades apóstatas do chifre pequeno — esta perspectiva é encontrada apenas nesse capítulo.

Além disso, o chifre pequeno declarou ser um poder cristão. Durante um milênio, quase toda a cristandade seguiu o chifre pequeno. Milhões de pessoas professavam o nome de Deus e declaravam segui-Lo — pessoas cujos nomes foram escritos nos livros de registros celestiais, que ficam no santuário. Muitos, no entanto, embora professassem seguir a Jesus, não eram Seus seguidores; na verdade, muitas vezes eram Seus inimigos. Seus nomes serão apagados durante o juízo, quando o santuário for purificado. Leia Apocalipse 3:5. A definição de quem foi e quem não foi fiel, não ocorre até a purificação do santuário, quando os registros dos pecados daqueles que professaram seguir a Jesus serão apagados, ou seus próprios nomes serão apagados. Nesse sentido, também, o chifre pequeno “profanou” o santuário porque o registro dos pecados de seus seguidores ficaram gravados ali.

Outro possível aspecto, embora certamente não o principal, é que o chifre pequeno deita por terra o local do santuário, não fisicamente, mas por encobrir a verdade a respeito do mesmo. Alguns sugerem que um dos cumprimentos da purificação do santuário poderia ser que a verdade a respeito do santuário seria finalmente revelada após ficar perdida durante tanto tempo. Nesse sentido, também, o santuário foi purificado das atividades do chifre pequeno.

A questão de maior importância é que a purificação do santuário envolvia mais do que as atividades do chifre pequeno, mais do que a restauração da verdade. A partir de Daniel 7 e do tabernáculo do deserto, podemos perceber que a purificação do santuário envolvia um julgamento do povo que professava servir a Deus (o qual incluía aqueles que faziam parte do chifre pequeno), um juízo que, em última análise, separaria o joio do trigo, e resultaria na eliminação do mal no mundo, além do estabelecimento do reino de Deus.

Como Daniel 8:14 diz literalmente: “Até 2.300 tardes e manhãs; e o santuário será purificado”, tem-se discutido que os 2.300 dias não são realmente 2.300 dias, e sim 1.150 dias. Por quê? Porque as tardes e manhãs supostamente representariam os dois sacrifícios oferecidos a cada dia. Portanto, dois sacrifícios por dia significariam 2.300 sacrifícios oferecidos durante 1.150 dias. Algumas traduções da Bíblia até traduzem esse texto desta forma.

Se esta interpretação estivesse correta, o santuário não seria purificado em 1844 d.C., e sim em 694 d.C.

As 2.300 tardes e manhãs representam apenas 1.150 dias?

Inúmeros argumentos foram apresentados, até por não adventistas, para provar que não. Primeiro, a se-

seqüência “tarde e manhã” em Daniel 8:14 é o oposto da seqüência usada na Bíblia para designar os dois sacrifícios diários. Ofertas queimadas de *manhã e à tarde* é a seqüência que a Bíblia sempre usa. Veja Êxodo 29:39; Números 28:4. O texto nunca traz “tarde e manhã”, como está escrito em Daniel 8:14. “Tarde e manhã” não tem a ver com os sacrifícios.

Em vez disso, a seqüência de tarde e manhã de Daniel é encontrada em Gênesis 1, onde é usada para descrever um dia *inteiro*. Quando os judeus queriam designar o dia e noite separadamente, mencionavam o número de ambos, como por exemplo “quarenta dias e quarenta noites”. Leia Gênesis 7:4 e 12. Porém, mesmo neste caso, a expressão “quarenta dias e quarenta noites”, significava quarenta dias completos, e não vinte.

A razão por que alguns tentam converter os 2.300 dias em 1.150 é fazer com que Antíoco Epifânio, um rei selêucida que perseguiu os judeus no segundo século antes de Cristo, se encaixe na descrição do chifre pequeno de Daniel 8. Se Antíoco – que profanou o templo em Jerusalém – fosse o chifre pequeno, então as profecias de Daniel estariam cumpridas até mesmo antes do nascimento de Jesus, anulando a data de 1844.

No entanto, a profanação do templo perpetrada por Antíoco durou apenas 1.080 dias. Assim, mesmo se os 2.300 dias fossem apenas 1.150 dias literais, os 1.080 dias ainda apresentariam um erro de 70 dias em relação aos 1.150 dias; o que dizer então dos 2.300 dias! Esse período de tempo apresenta uma imprecisão flagrante.

Existem outras razões por que Antíoco não pode ser o chifre pequeno. Estudamos anteriormente que o carneiro medo-persa “engrandeceu-se” (Daniel 8:4) e o bode grego “se engrandeceu sobremaneira” (verso

8). Porém, o chifre pequeno, que veio a seguir, foi maior que ambos: tornou-se “muito forte” (verso 9). Antíoco, portanto, teria que ser maior do que a Média-Pérsia ou o império grego. Obviamente ele não chegou nem perto disso. Ao contrário, reinou apenas durante um período do império grego, e o fez com pouco sucesso e por pouco tempo.

A ascensão do chifre pequeno foi datada de acordo com os quatro reinos que surgiram com a divisão do império de Alexandre, o Grande. Devia surgir no “fim de seu reinado”. Daniel 8:23. Um desses quatro reinos – a dinastia selêucida, da qual surgiu Antíoco – consistiu em mais de vinte reis que reinaram de 311 a 62 a.C. Antíoco foi o oitavo rei, e reinou entre 175-164/3 a.C. Como uma dúzia de reis reinou depois dele, e apenas sete reinaram antes dele, fica óbvio que ele não surgiu no “fim do seu reinado”.

Daniel 8 fala que a visão se refere ao “tempo do fim”. Leia o verso 17. A morte de Antíoco mais de 150 anos antes de Jesus, não o qualifica para ser inserido nesse período.

Além disso, o chifre pequeno aboliu o “sacrifício diário”, ou seja, o ministério do primeiro compartimento. Ao proibir todos os sacrifícios do templo, Antíoco tirou mais que o “diário”. Ele os impediu de oferecer o sacrifício anual também. Embora a profecia especifique que *apenas* o ministério do primeiro compartimento seria tirado, Antíoco aboliu mais que isto. Neste ponto, novamente, Antíoco não se encaixa.

Inúmeros outros argumentos demonstram que Antíoco não poderia ser o cumprimento de Daniel 8. No volume 1 de *Daniel Revelation Committee Series*, o Dr. Shea tem um capítulo intitulado: “Por que Antíoco IV não é o Chifre Pequeno de Daniel 8”, que destrói a interpretação em favor de Antíoco.

Finalmente, nenhum argumento da oposição contra 1844 estaria completo sem discutir Hebreus. Os oponentes alegam que Hebreus coloca Cristo no segundo compartimento – o santíssimo – imediatamente após Sua ascensão. Usando a versão da Bíblia na Linguagem de Hoje, com versos como Hebreus 9:12 (“Quando Cristo veio e entrou, uma vez por todas, no *Santíssimo Lugar*, Ele não levou sangue de bodes ou de bezerritos para oferecer como sacrifício. Ao contrário, ofereceu o Seu próprio sangue e conseguiu para nós a salvação eterna”*) eles declaram que Cristo está no segundo compartimento desde 31 d.C., considerando nossa crença de que Ele entrou no segundo compartimento em 1844 um erro. Esse argumento é válido?

Hebreus é um estudo da superioridade de Jesus Cristo em comparação com qualquer coisa ou pessoa antes dEle. Ensina que Jesus iniciou uma nova e melhor era, e uma nova e melhor ordem em termos de religião.

Diz o *Talmude*: “O mundo existirá por seis mil anos; nos primeiros dois mil haverá um vazio [não haverá a Torah, ou seja, a lei]; os próximos dois mil anos representam o período da Torah; e os dois mil anos seguintes serão o período do Messias.” – *Avodah Zarah 9a*. O livro de Hebreus parece estar introduzindo esses antigos judeus ao “período do Messias”, o período de Jesus, mostrando a superioridade desse período a tudo que aconteceu no “período da lei”.

Hebreus é um estudo dos contrastes entre o antigo e o novo, entre uma era e outra. Hebreus compara o Antigo Concerto com o Novo. Leia Hebreus 7:22; 8:6-8; 12:24. O livro traça um contraste do antigo sacerdócio terreno de Levítico, e o novo e melhor sacerdócio de Jesus. Leia Hebreus 8:4 e 5; 7:11-15. Compare o antigo sistema de sangue animal com o sangue de

* Os grifos nos textos bíblicos foram acrescentados pelo autor.

Jesus, que é muito melhor. Leia Hebreus 9:13 e 15. Há um contraste entre a antiga mediação terrena com a nova e melhor mediação divina, realizada por Cristo. Leia Hebreus 8:1. Há um contraste entre o antigo tabernáculo do deserto e um novo e melhor santuário no Céu: “Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.” Heb. 9:11 e 12, ARC.

O livro não entra em detalhes a respeito de qual compartimento Ele entrou no santuário celestial. A questão é que Ele está ali ministrando em nosso favor, um mediador *melhor*, de um *melhor* concerto, com sangue *melhor*, num ministério *melhor*, realizado num santuário *melhor*.

O único momento em que Hebreus menciona *exclusivamente* o segundo compartimento é no capítulo 9:3, quando, ao descrever o sistema terrestre, diz: “Por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos.” Alguns traduzem Santo dos Santos como “Lugar Santíssimo”. Aqui, sem sombra de dúvida, o autor está falando *apenas* sobre o segundo compartimento, e usa o plural nas palavras *hagia hagion*.

Em nenhum outro lugar de Hebreus essa frase específica é usada para descrever onde Cristo está no Céu! Diferentes palavras são usadas, mas nunca *hagia hagion*, que tratam exclusivamente do segundo compartimento. Se Ele entrou no *hagia hagion*, por que Hebreus não o diz, nem mesmo uma vez?

Se o escritor de Hebreus queria especificar que Cristo estava no segundo compartimento, por que não

usou *hagia hagion*, por exemplo, em Hebreus 9:8, que diz: “Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erigido.” (Note o *contraste* entre o terreno e o celestial.) Essa versão traz “Santo Lugar”, embora no original grego a frase usada seja *ton hagion*, que também foi usada em Hebreus 8:2, referindo-se ao santuário celestial como um todo: “Como ministro do santuário [*ton hagion*] e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.” *Hagia hagion* não foi usado nesse texto, ou em qualquer outro, para mencionar o local onde Jesus estava no santuário celestial.

O único verso que, à primeira vista pode parecer contradizer isto, é Hebreus 9:25, que diz: “Nem ainda para Se oferecer a Si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.” Aqui a palavra para “Santo dos Santos” não é *hagia hagion*, mas outra palavra no plural, *ta hagia*, embora o texto pareça estar falando do segundo compartimento porque se refere a algo que acontece “cada ano”. Evidentemente há uma alusão ao Dia da Expição.

Isto prova que esse verso contradiz minha tese a respeito do uso da expressão *hagia hagion*? Não! O sumo sacerdote aspergia sangue em ambos os compartimentos no Dia da Expição, o que explica por que o livro de Hebreus não usa *hagia hagion*, uma expressão que se refere apenas ao segundo compartimento! Em vez disso, o escritor usou uma palavra que também é traduzida por “santuário”, porque uma vez por ano o sumo sacerdote entrava em *ambos* os compartimentos, ou seja, no santuário como um todo, para ministrar a expiação. Leia Êxodo 30:10.

Se Hebreus quisesse especificar que Jesus estava

86 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

no segundo compartimento, O teria colocado, em algum momento, no *hagia hagion*. Mas não o faz; nenhuma vez sequer.

Dizer que Hebreus coloca a Cristo no segundo compartimento é como dizer que a frase de João em Apocalipse: “Achei-me em espírito, no dia do Senhor”, (Apocalipse 1:10), prova que Jesus mudou o sábado para o domingo. É enxergar mais do que está escrito nos textos.

Ao contrário, a questão em Hebreus não é em qual dos compartimentos Cristo entrou, mas que Ele está lá ministrando em nosso favor, com o sangue que deramou por nós.

Capítulo 9

Durante o auge da controvérsia sobre o santuário, o princípio do dia profético foi atacado. Muitas pessoas diziam que não era válido, ou, pelo menos, que não estava “explícito” nas Escrituras. Outros desafiavam o uso que fazemos deste princípio na interpretação das profecias de Daniel 7, 8 e 9.

A questão é crucial. Se o princípio não for válido, ou, caso não deva ser aplicado a Daniel 7, 8 e 9, nossa mensagem cai por terra.

O princípio do dia profético é legítimo, e, caso seja, por que aplicá-lo àqueles três capítulos de Daniel?

Primeiramente, o princípio do dia profético não se originou com os mileritas ou adventistas do sétimo dia. Judeus e cristãos vêm utilizando esse princípio há séculos, muitas vezes aplicando-o aos mesmos textos que os adventistas usam hoje. Clemente de Alexandria (segundo e terceiro séculos d.C.), um dos fundadores da igreja cristã, aplicou o princípio do dia profético às setenta semanas de Daniel 9, assim como tem feito a maioria dos teólogos através dos séculos, tanto judeus como gentios. Um dos maiores teólogos hebreus, Rashi (1040-1105 d.C.), traduziu Daniel 8:14 da seguinte maneira: “E ele disse a mim: Até 2.300 *anos*.” Esse princípio tem sido reconhecido e aceito em todo o mundo durante séculos. Não é uma inovação adventista.

Qual, porém, é a evidência bíblica? Todos conhecemos o texto de Números 14:34: “Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, ca-

da dia representando um ano.” E Ezequiel 4:4-7: “Conforme o número dos dias que te deitares sobre ele... quarenta dia te dei, cada dia por um ano.” Embora estes textos possam sugerir a validade desse princípio, que outra evidência existe?

O Antigo Testamento desde há muito tem reconhecido uma relação entre dias e anos, e, em alguns casos, embora a palavra *ano* seja o que se queira dizer no texto, a palavra usada no original hebreu foi *dia*. A comemoração da Páscoa, por exemplo, era celebrada uma vez por ano. Leia Êxodo 13:10. A tradução da versão Almeida diz: “Portanto, guardarás esta ordenança no determinado tempo, de ano em ano.” Mas o original em hebraico diz, literalmente, “de dias a dias”, embora o texto quisesse dizer de ano em ano.

Primeiro Samuel 27:7 diz: “E todo o tempo que Davi permaneceu na terra dos filisteus foi um ano e quatro meses.” O original hebraico diz: “dias e quatro meses”, em vez de “ano e quatro meses”.

Em hebraico, há uma palavra comum para ano, *shanah*, mas nestes versos a palavra “dias” é usada, demonstrando uma ligação entre ano e dia na Bíblia.

Outros exemplos deste tipo podem ser encontrados. Leia I Samuel 2:19; I Samuel 1:21; I Reis 1:1. Todavia, mesmo que estes e outros versos ajudem a provar a idéia de uma relação entre dia e ano, podemos ter certeza de que deveríamos aplicar esse conceito às profecias de tempo de Daniel 7, 8 e 9?

Daniel 9 declara que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até ao Ungido”, passariam sessenta e nove semanas. Mesmo que alguém defendesse que a ordem para reconstruir Jerusalém ocorresse numa data com cinquenta anos de diferença para o ano 457 a.C., ainda sobriam cerca de 400 anos entre aquela data e a vinda de Jesus – “[o]

Ungido, [o] Príncipe”. Se as sessenta e nove semanas fossem literais, então, desde a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém (quinto século a.C.) até o Messias (primeiro século d.C.) haveria sessenta e nove semanas – ou seja, *um ano, quatro meses e uma semana*. Ridículo! O princípio do dia profético precisa ser aplicado a essa profecia, ou a mesma se torna sem sentido.

Talvez a maior prova da validade do dia profético e sua aplicação em Daniel 9 é o fato de que *dá certo!* Por acaso é coincidência que se aplicarmos esse princípio às sessenta e nove semanas, teremos um período de tempo que encaixa perfeitamente os dois eventos descritos no verso? Se não usarmos o princípio, a profecia não faz sentido; se usamos o princípio, a profecia cumpre-se com exatidão. Apenas isto já é uma prova irrefutável da validade do dia profético.

Fica óbvio que o princípio do dia profético é válido para a profecia das setenta semanas, que foram “cortadas” da profecia dos 2.300 dias. Portanto, ambas fazem parte da mesma profecia. E, se o dia profético funciona para uma parte da profecia, não seria lógico que fosse usado com sucesso na outra parte também? É claro que sim.

Na verdade, não é apenas lógico, mas absolutamente necessário. Aplicando o princípio do dia profético às setenta semanas, temos 490 anos, ou seja, 176.400 dias. Como poderíamos cortar 176.400 dias de 2.300 dias? É impossível. A única maneira das setenta semanas poderem ser cortadas é se aplicarmos o princípio do dia profético aos 2.300 dias também. De outra forma, seria como tentar tirar dois quilômetros de três metros. Portanto, o dia profético precisa ser válido nos 2.300 dias também.

Existem outras evidências a favor do dia profético nos 2.300 dias. A questão que conduziu à resposta so-

bre os 2.300 dias em Daniel 8:13 é, literalmente, a seguinte: “Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” Alguns detalhes importantes devem ser notados:

A tradução literal é “Até quando” estas coisas aconteceriam? – e não “Quanto tempo?” A ênfase está no término dos eventos. “Até quando” estes eventos acontecerão?

Lembre-se de que a palavra para visão, *hazon*, que já vimos anteriormente, tem a ver com a visão como um todo, isto é, o carneiro, o bode, etc.

E finalmente, embora a versão King James mencione a palavra *concernente* (Quanto tempo durará a visão *concernente* ao sacrifício diário?), no hebraico não consta essa palavra, nem a própria construção do hebraico exige que ela esteja ali. Definitivamente, ela não pertence ao texto.

O que isto quer dizer? A questão diz respeito ao término (“até quando”) de tudo que foi descrito: a *hazon*, ou visão (que inclui o carneiro e o bode), o sacrifício diário e a transgressão assoladora estão incluídos. A pergunta não se refere apenas à visão *concernente* ao “sacrifício diário”, ou às atividades do chifre pequeno, mas a tudo que há na visão, incluindo a parte da *hazon* a respeito do carneiro e do bode. “Quanto tempo” durarão estas coisas envolvendo o carneiro, o bode e o chifre pequeno? A resposta é literalmente: “Até 2.300 tardes e manhãs.”

Portanto, os 2.300 dias envolvem todos os eventos listados na pergunta, ou seja, o carneiro, o bode, e o chifre pequeno. Logo, o período de tempo inclui a Média-Pérsia, a Grécia, bem como Roma pagã e papal. Todos esses fatores estão contidos no período de tempo da pergunta “Até quando?” e devem cumprir-se em 2.300 dias.

Se tomados literalmente, 2.300 dias somam seis anos, três meses e vinte dias. Como poderia esta profecia ser literal e incluir todos esses eventos? Impossível. Só a Média-Pérsia durou de 539 a 331 a.C. Apenas essa nação, sem contar Grécia e Roma, dura demais para encaixar-se em apenas seis anos. Portanto, necessariamente temos que usar o princípio do dia profético, com o qual a profecia cobre mais de dois milênios, tempo suficiente para incluir todos os eventos. Sem o dia profético, a profecia não faz sentido.

Embora a profecia comece com nações que existiram há milhares de anos, foi dito a Daniel que a visão era para o “tempo do fim”. Obviamente, qualquer que fosse o período de tempo envolvido na profecia, teria que cobrir muito mais que seis anos a fim de levar a profecia de tantos séculos no passado até o “tempo do fim”. Sem o princípio do dia profético, a profecia não poderia estender-se tanto. Aqui, novamente, o dia profético soluciona o problema.

Em Daniel 7 temos este terrível poder, o chifre pequeno. Decididamente, esse é o item mais detalhado do capítulo, superando todos os outros animais, incluindo os poderosos impérios babilônico, medo-persa, grego e romano – nações que duraram centenas de anos cada uma. Apesar do poder desses impérios, a ênfase é colocada no chifre pequeno, que é tão terrível que o próprio Deus o destruirá após o julgamento. Contudo, o poder desse chifre pequeno, pior que qualquer outro animal que durou centenas e centenas de anos, duraria apenas três anos e meio? Um período literal de três anos e meio não se encaixa na magnitude dos grandes eventos descritos nas primeiras fases da profecia. Além disso, vimos que o quarto animal foi Roma pagã, império que terminou 1.500 anos

92 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

atrás. O poder que a seguiu, o chifre pequeno, teria que estender-se até o tempo do fim, quando Deus Se assenta para julgar e estabelecer Seu reino. Três anos e meio não são suficientes para estender-se dos dias finais da Roma pagã até o tempo do fim. Aqui, outra vez, o tempo literal não se encaixa nos eventos que são descritos na profecia, e, novamente, o dia profético soluciona o problema.

Note, também, as palavras exatas usadas nesta profecia de Daniel 7:25: “Por um tempo, dois tempos e metade dum tempo.” Que estranha maneira de dizer três anos e meio. É como se alguém perguntasse minha idade e eu respondesse: “Tenho vinte anos, dois anos e dez anos.” Talvez estivesse tentando dizer outra coisa. Daniel 4:25 diz que Nabucodonosor ficaria doente, vivendo como um animal até “sete tempos por cima de ti”. Por que não disse “um tempo, e tempos, e tempos, e um tempo, e metade de um tempo, e metade de um tempo”? O princípio do dia profético não pode ser aplicado a este verso, a não ser que o rei tivesse 4.000 anos. Obviamente, Daniel quis dizer um tempo literal a respeito da duração da doença do rei, e esta é provavelmente a razão por que usou um número normal.

Talvez Daniel tivesse dito: “Por um tempo, dois tempos e metade dum tempo”, no capítulo 7, porque não queria dizer, literalmente, três anos e meio. Em vez disso, queria passar a idéia de um tempo profético. Daniel 7 está cheio de símbolos: um leão, um urso, um leopardo com asas, chifres que falam – todos simbolizando coisas diferentes. Logo, não seria lógico pensar que a seqüência de tempo dada nesta profecia também teria algum simbolismo, especialmente quando se analisa que a mesma foi enunciada de maneira tão estranha? Claro que sim.

Os mesmos fatores são encontrados nos 2.300 dias. Daniel 8 também é uma visão com imagens simbólicas. Não é uma profecia sobre animais, assim como Daniel 7 não o é. É inteiramente profética. Não seria de se esperar que o tempo nesses capítulos também fosse simbólico, em vez de literal?

Além do mais, “tardes e manhãs” não é a maneira comum de descrever os dias. A palavra típica para dias na Bíblia é *yamin*, plural de *yom*, que ocorre mais de mil vezes na Bíblia. Não seria mais simples ter dito: “Até seis anos, três meses e vinte dias, e o santuário será purificado”, em vez de 2.300 dias? Daniel 8:14 não traz a forma típica de indicar o tempo. Em II Samuel 5:5, por exemplo, é dito que o rei “reinou sobre Judá sete anos e seis meses”, não 2.700 dias.

Até mesmo as setenta semanas de Daniel não são uma forma comum de expressar tempo. Por que não foi dada como um ano e quatro meses e meio?

A razão para tudo isto poderia ser simplesmente que o Senhor não estava se referindo a tempo literal, e usou esses números e unidades de tempo “simbólicos” para mostrar ao leitor que estava falando de tempo profético, e não literal.

Claramente, muitas evidências comprovam a validade do dia profético em Daniel 7, 8 e 9. Os capítulos simplesmente não fazem sentido sem o uso desse princípio.

Terceira Parte: Investigando o Juízo

Capítulo 10

É evidente que a doutrina do juízo investigativo em 1844 continua firme como a própria Palavra de Deus. Mas, qual é a importância do juízo? O que significa para nossa vida hoje?

Para entender o juízo, precisamos entender a universalidade do grande conflito; o pecado não é apenas uma questão terrena. “Como caíste do Céu, ó estrela da manhã, filho da alva!” Isaías 14:12. O pecado teve início no Céu, com Lúcifer. Envolve toda a criação, todos os que têm questionamentos a respeito do pecado, da lei e do caráter de Deus – questões que durante milhares de anos estiveram por trás de batalhas travadas na Terra. “Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Apocalipse 12:12.

Jesus venceu a batalha decisiva na cruz. Ali a penalidade pela transgressão foi completamente paga, e aqueles que reivindicam o sangue de Cristo em seu favor têm sido redimidos.

Mas o que dizer do Universo que observa? Foram suas perguntas a respeito do pecado, do grande conflito e da lei de Deus respondidas na cruz?

Evidentemente não, pois Paulo escreveu: “Para que, *pela igreja*, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos *lugares celestiais*, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor.” Efésios 3:10 e 11.

Esse texto, escrito anos após a morte de Jesus, mostra que nem tudo que os “principados e potestades nos lugares celestiais” precisavam saber sobre a “sabedoria de Deus” foi-lhes revelado no Calvário. Em vez disso, Deus iria revelar mais desta sabedoria “pela igreja”.

Note, também, que este plano de revelar a sabedoria de Deus ao Universo através de Sua igreja, foi feito “segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor”. Muitas vezes pensamos na morte de Jesus como algo planejado desde o início – e realmente o foi! Mas este verso nos ensina que o plano de Deus para revelar Sua sabedoria ao Universo através de Sua igreja também faz parte de Seu “eterno propósito”.

Como, porém, seremos usados para revelar esta sabedoria?

“Pois somos feitura dEle, *criados em Cristo Jesus para boas obras*, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” Efésios 2:10.

Fomos criados não apenas para boas obras, mas estas obras estavam preparadas “de antemão”, assim como o plano para que a igreja demonstrasse a sabedoria de Deus ao Universo estava planejado desde o princípio. Existe algum elo entre nossas boas obras e a sabedoria de Deus sendo revelada aos espectadores do Universo?

Sim! “Nisto é glorificado Meu Pai”, disse Jesus, “em que deis muito fruto.” João 15:8. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens”, disse Ele também, “para que vejam as vossas *boas obras* e glorifiquem a vosso Pai que está no Céu.” Mateus 5:16.

O livro de Jó mostra que Deus foi glorificado através do caráter e boas obras de Jó perante os “principados e potestades nos lugares celestiais”. Através de

sua fidelidade na adversidade, Jó provou, perante os “filhos de Deus” que observavam – os seres celestiais mencionados no primeiro capítulo – que as acusações de Satanás eram falsas. Não admira que Paulo escreva que servimos de espetáculo para os homens e anjos. Leia I Coríntios 4:9.

A idéia de Deus ser glorificado através de Seu povo é um conceito crucial, que pode ser encontrado em outras partes da Bíblia. “E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de *justiça*, plantados pelo Senhor *para a Sua glória*.” Isaías 61:3. “Todos os do teu povo serão justos... para que Eu seja glorificado.” Isaías 60:21.

Em Gênesis 3:15, a primeira promessa evangélica, Deus diz ao diabo: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”

Sabemos que no Calvário a cabeça da serpente foi ferida por Jesus. Apesar disso, em Romanos 16, ao admoestar os crentes contra os falsos mestres, Paulo escreve no verso 19 que gostaria que os cristãos fossem “sábios para o bem e simplices para o mal”. Depois, no verso seguinte ele diz: “O Deus da paz, em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás.”

Debaixo de nossos pés! Deus esmagará Satanás sob os pés dos crentes? Paulo está obviamente se referindo a Gênesis 3:15, onde Satanás é informado a respeito de sua própria destruição. Paulo dá a entender que os crentes terão parte nessa destruição. Aqui está um texto escrito anos após a cruz, o qual mostra que o próprio povo de Deus estará envolvido na derrota do diabo!

Como podemos ferir a Satanás? Podemos literalmente esmagá-lo sob nossos pés? Dificilmente. Em

vez disso, através do poder de Cristo habitando em nós, podemos permitir que Jesus nos transforme à Sua imagem, que Ele nos dê a vitória sobre todos os nossos pecados, que Ele nos faça “sábios para o bem e símplies para o mal”, e assim, através de nosso caráter, glorificarmos a Deus. Desta forma, demonstraremos que as acusações do diabo contra a lei de Deus não procedem. *A lei de Deus pode ser guardada, e Ele nos usará para provar isto!*

Que outra evidência existe de que nem tudo que as hostes celestiais precisavam saber sobre o plano de salvação foi respondido na cruz? E o que mais Deus usará para responder a esses questionamentos?

Imagine o santuário no deserto. O altar das ofertas queimadas simbolizava a cruz. A pia simbolizava a purificação. O primeiro compartimento simbolizava reconciliação e perdão, e nele havia um candelabro (símbolo do Espírito Santo), a mesa dos pães da propiciação (um símbolo de Jesus), e o altar de incenso (um símbolo da justiça de Cristo subindo com nossas orações).

O segundo compartimento era o local onde ocorria o julgamento. A arca continha os Dez Mandamentos, que expressavam a lei de Deus, e a tampa de ouro da arca – o propiciatório – simbolizava a misericórdia de Deus ao lidar com aqueles que infringiam a lei. Acima do propiciatório havia dois anjos olhando para baixo, simbolizando o interesse das hostes celestiais no plano da redenção.

Aqui os judeus tinham uma representação figurativa de todo o plano da salvação: expiação, perdão, justificação, confissão, santificação, julgamento – cada aspecto estava representado!

Bem, se tudo que as hostes celestiais precisavam saber sobre o plano da redenção tivesse sido revelado

na cruz, quando o Senhor fez o santuário modelo (um símbolo daquele plano), por que não colocou os dois querubins – *que simbolizavam o interesse das hostes celestiais na salvação* – sobre o altar das ofertas queimadas, olhando para o aspecto do tabernáculo que simbolizava a cruz? Em vez disso, Deus os colocou dentro do segundo compartimento, olhando para o *juízo*!

Deus escolheu simbolizar o interesse dos seres celestiais, não na cruz, mas no local onde ocorre o juízo investigativo!

Isto não diminui o que Jesus realizou na cruz. Ao contrário, apenas demonstra que, em relação ao Universo, nem tudo foi respondido no Calvário. As dúvidas seriam respondidas no juízo, o que explica por que o Senhor colocou os anjos no segundo compartimento, olhando para o juízo, e não no altar de ofertas queimadas, olhando para o Calvário (havia anjos bordados no primeiro compartimento, mas esta representação não é tão vívida quanto as duas estátuas de ouro). Evidentemente, o juízo também faz parte do processo de responder às indagações do Universo.

Note Romanos 3:4, que fala sobre o próprio Deus sendo julgado. “Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso, conforme está escrito: ‘Para que sejas justificado nas Tuas palavras e triunfes *quando fores julgado*.’” Bíblia de Jerusalém.

A Bíblia na Linguagem de Hoje diz: “Deus continua verdadeiro, mesmo que todos sejam mentirosos. Como dizem as Escrituras Sagradas a respeito dEle: ‘Que fique provado que Tu és justo quando falas e que sejas aprovado *quando fores julgado*.’”

A tradução Phillips diz: “Para que sejas justificado em Tuas palavras e possas prevalecer quando *fores a julgo*.”

As várias traduções deste verso transmitem a idéia

de que o próprio Deus passará por um tribunal – que Ele será julgado, e o resultado desse julgamento será Seu triunfo. Para que “possas prevalecer quando fores a juízo”.

O verso citado acima foi tirado do Salmo 51: “Com-padece-Te de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; e, segundo a multidão das Tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado... de maneira que serás tido por justo no Teu falar e puro no Teu julgar.” Versos 1-4.

Davi está pedindo a Deus que o purifique do pecado, que o lave da iniquidade e apague suas transgressões. Por quê? “De maneira que serás tido por justo no Teu falar e puro no Teu julgar.” Em outras palavras, Deus será “justificado” e “purificado” de acordo com Sua forma de lidar com os pecados do Seu povo.

As outras versões dão a idéia de que o próprio Deus está sendo julgado: “Quando fores julgado.” Contudo, os dois conceitos conjugados transmitem, de forma brilhante, a idéia de que Deus será julgado do modo como julga Seu povo. Na verdade, o Salmo 51 não fala apenas de purificação do pecado, mas de *apagar* o pecado também. Quando o pecado é apagado? No juízo – o segundo compartimento do santuário, onde os dois anjos, simbolizando o interesse celestial, estão sobre o propiciatório. Obviamente, Deus vencerá esta causa, Ele “trunfará”, ou será “justificado”, durante o juízo, quando apagar nossos pecados. “O Senhor dos exércitos é exaltado em juízo.” Isaías 5:16.

Perante quem será Ele “exaltado”, ou “aprovado”, ou “justificado”?

Em Daniel 7 vimos uma descrição do juízo investigativo, que fez “justiça aos santos”. Verso 22. Quem se apresentou diante de Deus quando a sessão do tri-

bunal teve início? “Miríades de miríades estavam diante dEle.” Verso 10. Literalmente, milhões de seres celestiais – simbolizados pelos dois querubins do segundo compartimento – testemunham o julgamento do povo de Deus. Como o Universo inteiro está envolvido e interessado no grande conflito, e no plano de salvação, Deus convoca a todos para esse julgamento divino. Seu Universo não é administrado como um país fascista, onde as pessoas são presas, julgadas e condenadas secretamente. Ao contrário, Deus trata da questão do pecado e da rebelião de maneira aberta – perante todo o Céu, que terá suas indagações a respeito de Seu caráter respondidas. O próprio Deus será “aprovado quando [for] julgado”.

Qual é a mensagem do primeiro anjo? “Temei a Deus e dai-Lhe glória; *pois vinda é a hora de Seu juízo.*” Apocalipse 14:7. Isto significa que Deus começa a julgar, ou será que este verso se refere ao momento em que o próprio Deus é julgado: “a hora de Seu juízo”? Pode significar ambas as coisas! Ele está sendo julgado com base em Sua maneira de julgar!

Apocalipse 14:6 proclama a mensagem de que a hora do juízo de Deus “é vinda”. O julgamento começa no capítulo 14. Dois capítulos adiante, no tempo das pragas (que demonstram que a porta da graça já se fechou, algo que não aconteceu ainda em Apocalipse 14), seres celestiais exclamam: “Certamente, ó Senhor Deus, Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos.” Apocalipse 16:7.

Como eles sabem que Seus juízos são verdadeiros e justos? Porque testemunharam a cena do julgamento. É por isso que declaram: “Tu és justo, Tu que és e que eras, o Santo, pois *julgaste estas coisas.*” Apocalipse 16:5.

Deus é justo porque “[julgou] estas coisas!”

A Bíblia ensina claramente que nem tudo que o Universo precisava saber sobre “a multiforme sabedoria de Deus” foi compreendido no Calvário. Deus lhes daria mais evidências. E, as duas coisas que usará para responder a estas questões serão o desenvolvimento do caráter de Seu povo e o juízo no Céu.

Após estabelecer esses dois pontos, estamos preparados para entender o juízo investigativo.

Capítulo 11

Ao estudar o ritual do tabernáculo terrestre, um detalhe pode ser destacado: ordem. Cada pormenor foi planejado: do formato dos móveis às minúcias concernentes aos sacrifícios. Deus é um Deus de ordem; Ele governa o Universo de maneira organizada. E, como o tabernáculo terrestre demonstra, Ele está lidando com o problema do pecado e da rebelião da mesma forma, ou seja, de maneira ordenada. Deus poderia ter eliminado o pecado e Satanás instantaneamente. Em vez disso, Ele solucionará o grande conflito de forma aberta e organizada, perante todos os “principados e potestades nos lugares celestiais”.

No serviço do santuário terrestre, depois que uma pessoa pecava, levava um animal sem defeito até o tabernáculo. Em seguida, punha “a mão sobre a cabeça do novilho e o [imolava] perante o Senhor”. Levítico 4:4. A atitude de colocar a mão sobre a cabeça do animal simbolizava a transferência do pecado do pecador culpado para o animal inocente.

Depois que o animal era morto, os sacerdotes apanhavam o sangue e o manipulavam no pátio ou dentro do tabernáculo – eles faziam isso de inúmeras maneiras. Essa manipulação envolvia a transferência do pecado (em forma de sangue) para a própria área do santuário. Esse conceito é transmitido em Levítico 10:17 e 18, quando o Senhor diz ao sacerdote: “Por que não comestes a oferta pelo pecado no lugar santo? Pois coisa santíssima é; e o Senhor a deu a vós ou-

tros, *para levardes a iniquidade da congregação*, para fazerdes expiação por eles diante do Senhor. Eis que *desta oferta não foi trazido o seu sangue para dentro do santuário*; certamente devíeis tê-la comido no santuário, como Eu tinha ordenado.”

Um pecador vai até o tabernáculo com seu sacrifício. Confessa seu pecado sobre o animal. Seus pecados são transferidos para o animal, que morre no lugar do pecador. O sacerdote apanha o sangue no qual está “contido” o pecado e “leva a iniquidade”, através do “sangue, para dentro do santuário” onde os pecados são deixados. Esta seqüência – o pecado sai do pecador para o animal, do animal para o sacerdote, e deste para o santuário – acontecia todos os dias no sacrifício *diário* (lembra-se desta palavra?).

Durante o ano, muitos pecados eram transferidos para o santuário. No Dia da Expição, o grande dia do juízo, o próprio santuário precisava ser purificado daqueles pecados. Todos os pecados trazidos para dentro do tabernáculo deveriam, então, ser retirados.

“Assim, fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas transgressões, e de todos os seus pecados.” Levítico 16:16.

O santuário precisava de expiação, não por causa de seu próprio pecado, mas por causa dos pecados dos filhos de Israel, que haviam sido levados até lá. E, assim como a expiação por uma pessoa envolvia a transferência dos pecados daquele indivíduo, a expiação pelo santuário envolvia a transferência dos pecados que estavam no santuário.

No Dia da Expição, novamente o sangue é trazido ao santuário, onde é aspergido no segundo compartimento. Agora, no entanto, nenhuma menção é feita a respeito de colocar as mãos sobre o animal cujo sangue foi vertido. Em outras palavras, nenhum pecado

foi confessado sobre os animais nesse momento. Primeiramente, é trazido um sangue “puro”, sem que nele haja sido confessado qualquer pecado. Esse sangue “puro” então “capta” todos os pecados (assim como teria captado os pecados de um pecador individual) e os remove do santuário. O sacerdote sai do santuário após tê-lo purificado “dos pecados dos filhos de Israel” (através do sangue), o qual, neste momento, “carrega” todos os pecados que foram trazidos ao santuário durante o ano. Então, ele coloca “as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará *todas* as iniquidades dos filhos de Israel, *todas* as suas transgressões e *todos* os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á ao deserto, pela mão dum homem à disposição para isso. Assim, aquele bode levará sobre si *todas* as iniquidades deles para terra solitária”. Levítico 16:19, 21 e 22.

No serviço *anual*, todos os pecados levados ao santuário (através dos sacrifícios diários) eram retirados de lá pelo sacerdote, que os confessava colocando as mãos sobre um bode emissário, que levava sobre si todas as iniquidades acumuladas durante o ano. O bode emissário simboliza Satanás, que, ao final, carregará sobre si todos os pecados que levou o povo de Deus a cometer. (Na tradição judaica esse bode emissário simboliza Azazel, o líder dos anjos rebelados!)

Imagine o pecado como lixo atômico, o sangue como o recipiente e o santuário como um depósito temporário. O lixo vai do pecador para o animal, e então (através do sangue), chega ao sacerdote, que o guarda no santuário. Depois, num dia especial, todo aquele lixo (novamente através do sangue) é retirado e jogado numa “terra solitária”, ou seja, num local inabitado onde não poderá prejudicar ninguém.

Esse serviço do santuário terrestre envolvia a trans-

ferência do pecado do pecador para aquele que era, em última análise, responsável pelo pecado: o diabo. E tudo isto era feito de maneira aberta e ordenada.

O serviço realizado na Terra, entretanto, simbolizava o verdadeiro serviço no Céu. O santuário terrestre era uma cópia e uma “sombra das coisas celestes”. Hebreus 8:5. O animal morto simbolizava Jesus, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. João 1:29.

Para onde Ele leva nossos pecados? Sabemos que Jesus carregou nossos pecados “em Seu corpo”. I Pedro 2:24. Depois Ele foi até o Céu, onde ministra como nosso Sumo Sacerdote. E, assim como a intercessão do sacerdote em favor de Israel envolvia a retirada dos pecados deles, levando-os ao santuário, a intercessão de Jesus em nosso favor, no Céu, está fazendo a mesma coisa. “Possuímos tal sumo sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.” Hebreus 8:1 e 2.

Quando confessamos nossos pecados, os mesmos são perdoados, retirados de nossa vida e marcados no santuário celeste como tendo sido perdoados – assim como eram simbolicamente colocados no santuário terrestre, onde também eram perdoados. E, como o terrestre, o santuário no Céu também será purificado dos pecados que um dia recairão sobre aquele que é responsável por eles – Satanás – simbolizado pelo bode emissário. “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado.” Daniel 8:14. “Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus [santuário terrestre] se purificassem com tais sacrifícios [animais], mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores [Jesus].” Hebreus 9:23.

Hebreus 9:28, falando sobre Jesus, diz: “Aparecerá segunda vez, *sem* pecado, aos que O aguardam para a salvação.”

Sem pecado? Jesus pecou alguma vez? Claro que não! Mas, como Cordeiro de Deus, Ele “tornou-Se pecado por nós”, e leva nossos pecados como sumo sacerdote. Assim como o santuário terrestre era purificado de todos os pecados, da mesma maneira será o santuário celeste purificado. O pecado será retirado do mesmo. Cristo terminará Seu trabalho de mediação no Céu. Será ouvida a exclamação: “Continue o injusto fazendo injustiça... e o santo continue a santificar-se.” Apocalipse 22:11. Jesus voltará “sem pecado” e todos os pecados que o verdadeiro Israel de Deus cometeu desde Adão, serão colocados sobre o diabo!

Por que Deus elaborou um sistema tão minucioso, quando poderia ter erradicado o pecado e o diabo instantaneamente? Porque Deus queria mostrar ao Universo inteiro Sua justiça e misericórdia ao lidar com o pecado e a rebelião. Cristo morreu, e agora ministra como sumo sacerdote no santuário celeste, para erradicar o pecado, salvar a humanidade e punir o diabo de maneira ordeira, sem deixar qualquer dúvida na mente de todo o Universo que observa – todos verão Sua misericórdia em perdoar nossos pecados e Sua justiça em finalmente colocá-los sobre aquele que instigou todo o mal.

Bem, e o que essa purificação do santuário tem a ver conosco?

Muito, porque no Dia da Expição, o santuário não era a única coisa purificada. “Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de *todos os vossos pecados*, perante o Senhor.” Levítico 16:30. O povo também era purificado. Como o santuário, o povo era purificado de “todos” os seus pecados.

Quais são os elementos que, além da cruz, Deus usará para fazer sua “multiforme sabedoria” conhecida pelos “principados e potestades nos lugares celestiais”? O juízo, que é o Dia da Expição, é uma das maneiras; e um povo que obedece à Sua lei, que dá frutos e é purificado do pecado, é outra.

No Dia da Expição, esses *dois* elementos estão presentes! Se uma pessoa, através de seus muitos frutos, glorifica a Deus, imagine um acampamento inteiro. O Dia da Expição era realmente o clímax – um tipo anual daquilo que Deus quer fazer na realidade: um santuário no Céu, purificado de todo o pecado, e um povo na Terra, purificado de todo o pecado – tudo isso diante do Universo inteiro!

O elo de ligação entre o juízo e um povo puro e santo é encontrado em outro lugar. Em Malaquias 3, vemos o juízo. “De repente, virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais.” “Chegar-Me-ei a vós outros para juízo.” Versos 1 e 5. No primeiro verso há um movimento, Deus está indo até Seu templo. Nas cenas do juízo em Daniel 7, vemos Deus em movimento também. (“Foram postos uns tronos, e o Ancião de dias Se assentou.” Veio um “como o Filho do Homem, e dirigiu-Se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele”.) Malaquias está descrevendo esse julgamento.

E no entanto, no meio desse julgamento, o que acontece ao povo de Deus? “Porque Ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. Assentar-Se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata.” Versos 2 e 3.

O que Deus fará a Seu povo enquanto se processa o julgamento? Ele os estará purificando, purgando, limpando-os (com a “potassa dos lavandeiros”). Na mensagem a Laodicéia – a igreja que vive durante o

108 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

juízo! — o Senhor usa a mesma ilustração de Malaquias. “Aconselho-te que de Mim compres *ouro* provado no *fogo*.” Apocalipse 3:18.

Nesse texto, assim como em Levítico 16, o juízo está ligado à purificação do povo de Deus. O povo de Deus será purificado durante o juízo!

Note o verso que antecede Malaquias 3. “Enfadais o Senhor com vossas palavras; e ainda dizeis: Em que O enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que Ele Se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?” Malaquias 2:17.

Análise os conceitos que podem ser encontrados aqui: desenvolvimento do caráter (“Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor”) e juízo (“Onde está o Deus do juízo?”). O povo está dizendo que não importa se alguém faz o mal, Deus Se alegra nesta pessoa de qualquer maneira. Além disso, questionam a idéia do juízo.

Não é coincidência que aqueles que fazem pouco da obediência, são os mesmos que ignoram o juízo, pois a obediência e o juízo estão inseparavelmente ligados! Esta questão é exatamente a mesma com a qual nos confrontamos hoje. Aqueles que questionam a importância da obediência, que dizem que Deus Se alegra conosco a despeito de nossos pecados, são os mesmos que questionam a realidade do juízo investigativo! Diminuindo a importância da obediência, inevitavelmente diminuímos a importância do juízo!

Contudo, qual é a reação de Deus a essas atitudes? Começa com o próximo verso, o primeiro de Malaquias 3, onde o Senhor fala de um juízo e do caráter purificado e refinado que Seu povo terá nesse juízo!

Finalmente, qual é a mensagem do primeiro anjo? “Temei a Deus e *dai-Lhe glória*; pois *vinda é a hora*

do Seu juízo.” Apocalipse 14:7. Note a parte da mensagem do terceiro anjo que descreve o caráter do povo de Deus durante esse juízo. “Aqui está a perseverança dos santos, os que *guardam os mandamentos de Deus* e a fé em Jesus.” Apocalipse 14:12.

Análise os elementos encontrados aqui. É-nos dito que devemos dar glória a Deus. Como damos glória a Deus? Através de nossa obediência, de nossos frutos e permitindo que Ele nos purifique. Seria uma coincidência, então, que Seu povo seja descrito como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”? De forma alguma. Que melhor maneira de glorificar a Deus do que obedecendo a Seus mandamentos e tendo a fé em Jesus!

Também vimos que o juízo glorifica a Deus – que Ele é julgado e glorificado pela forma como nos julga – e o julgamento também faz parte desta mensagem. “Vinda é a hora de Seu juízo.”

Aqui está o conceito do julgamento ligado a um povo obediente, assim como vimos em Levítico e Malaquias.

Portanto, a essência do juízo investigativo para nós, é que durante esse julgamento, Deus preparará um povo purificado de “todo o pecado”, um povo refinado como o “ouro e a prata”, um povo que “guarda os mandamentos de Deus”.

O mesmo capítulo de Apocalipse fala outra vez sobre a condição do povo de Deus no tempo do fim. “Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para Aquele que Se achava sentado sobre a nuvem: Toma a Tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da Terra já amadureceu.” Verso 15.

O povo de Deus é descrito como maduro.

Como são descritos os ímpios? “Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e

110 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a Tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da Terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas.” Verso 18. O verso seguinte diz que essas uvas serão jogadas “no grande lagar da cólera de Deus”. Verso 19.

Os ímpios são descritos como maduros.

Veja o contraste. Deus terá um povo obediente à Sua lei, um povo refinado, purificado, limpo – um povo maduro. Quando Cristo terminar Sua mediação no Céu, Seu Espírito será retirado da Terra, e, com exceção desse pequeno remanescente obediente, Satanás terá controle irrestrito sobre o restante do mundo. Não admira, então, que o povo de Satanás estará “amadurecido”.

Esse amadurecimento acontece exatamente antes da segunda vinda, quando a separação entre os convertidos e os não convertidos chegar ao clímax desse contraste entre santidade madura e impiedade madura. Em meio a essa falta de lei que envolverá o mundo, Jesus terá um povo que “guarda os mandamentos de Deus”, enquanto o Universo, numa escala nunca dantes vista, verá o contraste entre a obediência e a desobediência.

Deus está procurando refinar e purificar um povo para guardar os mandamentos, um povo que ficará de pé no dia do juízo. O juízo, portanto, é um chamado crucial à santificação. É o tempo para “[aperfeiçoar] nossa santidade no temor de Deus”. II Coríntios 7:1. Assim como o típico Dia da Expição era um momento de examinar o coração, de arrepender-se e preparar-se, tanto mais o é o verdadeiro Dia da Expição, no qual estamos vivendo desde 1844. Assim como no dia do julgamento terreno, Deus está buscando purificar-nos de todo o pecado. O julgamento é importante para nossa vida, porque Deus quer nos preparar para permanecermos firmes durante o mesmo!

Jesus disse que de quem muito recebe, muito se espera, e quem recebeu mais do que os adventistas? Com nossa compreensão a respeito do grande conflito, do Calvário, da lei, da história sagrada, regime alimentar, saúde, mente, educação, etc., que mais poderia Jesus fazer para tentar nos preparar para encontrarmos com Ele? Deveríamos estar permitindo que Cristo nos torne cristãos maduros na Terra.

Apesar disso, o povo “maduro” de Deus é salvo não porque “guardam os mandamentos de Deus”, e sim porque têm a “fé em Jesus”. Ficar firme no julgamento nada tem a ver com legalismo – com salvação pelas obras. Aqueles que vivem agora, serão salvos pela mesma razão pela qual foi salvo o ladrão na cruz: a justiça de Jesus por eles, no lugar deles, imputada a eles. Quando seus nomes aparecerem no juízo, Cristo apresentará Seu sangue e Sua justiça em seu favor. *Desenvolvimento do caráter, quando compreendido no contexto de glorificar a Deus, não é legalismo!*

Todavia, através do poder do Espírito Santo habitando em nós, Deus não só terá um povo que preferirá morrer a infringir a lei, mas um povo que não quebrantará essa lei. Cristo promete poder para vencer cada pecado, e todos nós podemos reivindicar esse poder e ter a vitória através de Cristo – mesmo agora. Obediência, santidade, santificação – estes são os chamados do juízo, e se nós não os proclamarmos, Deus trará outros às Suas fileiras, que o farão!

Duas coisas ocorrerão simultaneamente, quer estejamos ou não envolvidos como povo nas mesmas. No Céu, Deus terá completado o julgamento, purificado o santuário, apagado os pecados de Seu povo – tudo isso perante o Universo inteiro, que exclamará: “Justos e verdadeiros são os Teus juízos, ó Senhor.” Ao mesmo tempo, na Terra, Deus será glorificado pelo desen-

112 1844: UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES...

volvimento do caráter e pela obediência de Seu povo que, a despeito da apostasia e anarquia mundiais, guarda Seus mandamentos.

Haverá um santuário purificado no Céu, e um povo purificado na Terra, e o pecado finalmente recairá sobre aquele que deu início a todo o mal. Através daquilo que Deus realiza no Céu e na Terra, Seus caminhos – abertos aos “principados e potestades nos lugares celestiais” – serão reconhecidos como justos, perfeitos e verdadeiros.

Qual é a essência do juízo e sua relevância em nossa vida hoje? Enquanto Deus apaga nossos pecados que foram registrados no Céu, precisamos amar a Jesus o suficiente para permitir que Ele apague nossos pecados na Terra, para que Ele possa ser glorificado perante o Universo que nos observa.

Aqui está o nosso chamado. Aqui está a verdade presente. E aqui está a importância do juízo para nossa vida hoje.

Para os cristãos de hoje, teria algum significado o ano de 1844 e os tão questionados eventos ligados a ele? Existe algum modo de compreender o confuso labirinto de animais, datas e reinos descritos em Daniel?

Neste livro, Clifford Goldstein, editor da revista *Liberty* (EUA) e autor de *O Dia do Dragão*, soluciona a aparente confusão das profecias de Daniel. Ele revela a verdade sobre 1844 e o juízo investigativo com incrível clareza e veemente convicção.

Este é um dos livros mais importantes para os cristãos que esperam a iminente volta de Cristo. Se você já se perguntou se algum dia seria capaz de entender todos esses eventos, pode encerrar suas buscas. A chave para compreender os eventos relacionados ao ano de 1844 e aprofundar-se na verdade presente está agora em suas mãos.



ISBN 85-345-0562-4



9 788534 505628